

CONVERGÊNCIA

AN/FEV - 2001 - ANO XXVXI - N. 339

ISSN 0010-8162

- A Vida Religiosa Pro-vocada
- Revisitando os três ciclos da História da Vida Consagrada
 - Um Oceano entre Dois Mundos
- Reflexões também para religiosos/as



SUMARIO

Editorial	1
Palavra do Papa	4
Informe CRB	7
Artigos	10
A Vida Religiosa Pro-vocada. Reflexão Teológica	13
<i>Pe. Carlos Palacio, sj</i>	
Revisitando os três ciclos da História da Vida Consagrada	25
<i>Irmão Nery, fsc</i>	
Um Oceano entre Dois Mundos	43
<i>Irmã Márian Ambrosio, dp</i>	
Ser Igreja Hoje. Reflexões também para religiosos/as	50
<i>Pe. José Comblin</i>	

Capa: "A Samaritana", escultura em madeira de Antônio Francisco Lisboa Aleijadinho, entre 1781 e 1783, no púlpito da epístola na Igreja da Venerável Ordem Terceira Carmo, em Sabará (MG). Foto de Marcelo Pinheiro.

ASSINATURA PARA 2000:

BRASIL: Terrestre ou aérea R\$ 75,00

Número avulso R\$ 7,50 ou US\$ 8,50

EXTERIOR: Terrestre ou aérea US\$ 85,00
ou o correspondente em R\$ (Reais).

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.



convergência

Revista Mensal da

Conferência dos Religiosos do Brasil: CRB

ISSN 0010-8162

DIRETOR-RESPONSÁVEL:

Pe. João Roque Rohr, SJ

REDATOR-RESPONSÁVEL:

Pe. Marcos de Lima, SDB (Reg. 12679/78)

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO:

Coordenadora:

Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

Conselho editorial:

Ir. Romi Auth, FSP

Pe. Francisco Taborda, SJ

Pe. Jaldemir Vitório, SJ

Pe. Cleto Caliman, SDB

DIREÇÃO, REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO:

Rua Alcindo Guanabara, 24 • 4º andar
20038-900 • Rio de Janeiro • RJ

Tel.: (0**21) 240-7299

e-mail: crb006@ibm.net

DIAGRAMAÇÃO E IMPRESSÃO:

Edições Loyola

Rua 1822 n. 347 • Ipiranga

04216-000 • São Paulo • SP

Tel.: (0**11) 6914-1922

e-mail: loyola@loyola.com.br



*"Há uma esperança
para o teu futuro"*
**"Há uma esperança
para o teu futuro"**

(Jr 31,17)

MARIA CARMELITA DE FREITAS, FJ

AVida Religiosa do Brasil estréia o novo milênio em clima de refundação. *"Tempo de sinais, sinais dos tempos. Provocações à Vida Religiosa"* é a temática da próxima Assembléia Geral da CRB, a realizar-se em julho de 2001, e que está sendo estudada e aprofundada na grande maioria das Comunidades religiosas do país, naquelas que de fato aderiram ao processo. A afirmação do profeta Jeremias — *"Há uma esperança para o teu futuro" (31,17)* — referida ao povo de Deus durante o exílio, é também o lema da Assembléia. Com ele se quer expressar a confissão de fé de Religiosas e Religiosos no futuro da Vida Religiosa, em meio às sombras, perplexidades, contradições, provocações e promessas de vida, que entretecem o atual momento histórico. Ainda que soprem ventos contrários e as nuvens se adensem no horizonte, sabemos e confessamos com o profeta, e pela graça do Espírito, que existe futuro.

Muito já foi escrito na última década sobre a refundação. Muita polêmica foi suscitada, muitas dúvidas esclarecidas, muitas contradições superadas. Mas, sobretudo, muito caminho já foi andado. Mas os caminhos do Espírito são sempre inacabados, sempre abertos, sempre interpeladores. Não é possível conhecê-los e trilhá-los de uma vez por todas, de forma totalizante. Precisamente por isso, mais que um momento dado, a refundação é um processo, ao qual não cabe impor limites e tempos fixos. Para ser fiel, é preciso seguir o Espírito, deixando-se surpreender pelos novos rumos que Ele aponta,

seduzir pelos novos horizontes que Ele descortina, desafiar pelas novas provocações que Ele lança, a partir da realidade histórica e dos novos sinais dos tempos. Essa relação viva e dinâmica com o Espírito é fundamental para a Vida Religiosa em qualquer circunstância, mas principalmente em tempos reconhecidos como de refundação.

Nessa perspectiva de fidelidade re-criativa e re-fundacional, são muitas as imagens bíblicas que têm sido utilizadas para traduzir simbolicamente o que refundação significa hoje no imaginário coletivo da Vida Religiosa. Uma delas, sumamente expressiva, é o episódio do encontro de Jesus com a Mulher Samaritana. A força paradigmática desse episódio é indiscutível. A narrativa de João é de extraordinária beleza: *“Cansado, do caminho, Jesus sentou-se junto ao poço. Era quase meio dia. Uma mulher samaritana chegou para buscar água e Jesus lhe disse: dá-me de beber... Se conhecesses o dom de Deus e quem é o que te diz... tu lhe pedirias e ele te daria água viva... Como tu, um judeu, me pedes de beber a mim que sou uma mulher samaritana?... Os discípulos chegaram e estranharam que falasse com uma mulher... a mulher deixou o cântaro e foi à cidade...”* (Jo 4, 6-7; 9-10; 27-32).

Jesus encontra a mulher, no seu cotidiano. No diálogo que se estabelece, a mulher é levada a sair dos seus caminhos trilhados, a tomar consciência de sua verdade, a rever todas as suas opções e decisões fundamentais, a reorientar a própria vida. Analogamente, a Vida Religiosa faz hoje a experiência desse convite: ou repensa radicalmente suas estruturas de vida e missão e suas opções mais profundas ou correrá o risco de domesticar o Espírito e fazer secar a fonte de água viva que a alimenta.

No episódio evangélico do poço de Jacó, a práxis de Jesus se revela excêntrica com relação aos sistemas, poderes e costumes de seu tempo, e isto numa dupla dimensão: o *centro*, para Jesus, está nas *margens*, e os marginalizados e excluídos são trazidos por Ele para o *centro*. No diálogo com a Samaritana, isso é evidente. Provoca perplexidade e, inclusive, escândalo nos discípulos. Derrubam-se barreiras de religião e raça. A revelação messiânica se expande como o sol do meio dia, em contexto e com interlocutores impensados. A Mulher rompe o silêncio, conduzida pelo Espírito e sua palavra é a ponte que conecta com a Fonte primigênia; abandona o cântaro e vai à cidade; deixa seus velhos hábitos; faz-se testemunha; sua palavra frágil de mulher excluída adquire força de convocatória; são muitos os que aderem à Boa Notícia; nasce uma nova comunidade de seguidores de Jesus. A missão ganha dimensões insuspeitadas. É como um rio de água viva que nada poderá deter. O *vinho novo* faz arrebentar os *odres velhos*. O Reino faz-se verdade histórica na história dos pequenos e desprezados. Será assim com a refundação da Vida Religiosa? *“Jesus respondeu (à Samaritana): o que bebe dessa água voltará a ter sede, mas o que bebe da água que Eu lhe darei nunca mais terá sede.*

Porque essa água se converterá dentro dele num manancial que estará jorrando para uma vida sem término” (Jo 4, 14).

A ilustração da capa de **CONVERGÊNCIA** neste ano quer precisamente destacar a força paradigmática do episódio da Samaritana, como inspiração e alento para os caminhos da refundação, da Vida Religiosa pelos quais o Espírito busca conduzi-la neste hoje da sua história.

Nessa mesma perspectiva, os artigos publicados neste primeiro número de 2001, estão todos relacionados com a grande temática da Assembléia Geral.

“A Vida Religiosa pro-vocada” — excelente artigo de **Carlos Palacio, SJ** — é realmente uma *pro-vocação* às comunidades religiosas empenhadas na busca de respostas criativas e radicais aos desafios da refundação. Para o autor, “a única coisa que pode provocar a Vida Religiosa e chamá-la para adiante e fazê-la sair da sua situação atual é a relação viva com o Espírito do Ressuscitado”. É nessa relação viva com o Espírito que a Vida Religiosa terá condições de enfrentar-se com os desafios do novo milênio, com os novos sinais dos tempos, com os inevitáveis riscos da refundação. Nessa ótica, o artigo trata de dar solidez à esperança das comunidades, e abre perspectivas alentadoras de futuro.

Irmão Israel Nery, FSC, no seu artigo — *“Revisitando os três ciclos da Vida Consagrada”* — faz uma densa e bem documentada síntese de três grandes ciclos da Vida Consagrada, aprofundando uma das coordenadas da temática da próxima Assembléia Geral da CRB. O texto é um subsídio para ajudar as comunidades a “buscar lições do passado que possam iluminar a caminhada refundacional da Vida Religiosa hoje”. Com tal propósito, o autor apresenta, de forma sugestiva e pertinente, os diferentes sinais de fidelidade evangélica diante dos contextos sociais e eclesiais de cada época, que marcaram a caminhada histórica da Vida Religiosa e que constituem uma provocação para Religiosas e Religiosos de hoje.

O artigo *“Ser Igreja Hoje. Reflexões também para Religiosos, Religiosas”*, do **Pe. José Comblin**, faz uma apresentação crítico-provocadora desta questão de particular relevância para a Vida Religiosa, abrindo novas perspectivas de reflexão e de vida para as comunidades. O texto é sugestivo, questionador e constitui um valioso subsídio, capaz de levar as comunidades religiosas a repensar e assumir com lucidez e coragem profética seu lugar e seu papel na Igreja hoje.

“Um oceano entre dois mundos” de **Ir. Márian Ambrósio, DP**, é um testemunho pessoal extremamente rico para as comunidades (sobretudo de congregações internacionais) que priorizam a fidelidade criativa ao Espírito na sua experiência de seguimento histórico de Jesus. Por se tratar de depoimento, o texto é vivencial e concreto; aborda questões que tocam a realidade e o cotidiano das pessoas e das instituições; projeta luz sobre a caminhada feita e convida a continuar construindo pontes sobre um oceano de diferenças.



Diálogo entre as culturas

DA MENSAGEM DO
PAPA JOÃO PAULO II
PARA A CELEBRAÇÃO DO
DIA MUNDIAL DA PAZ

O homem e as várias culturas

4. Ao contemplar todo o percurso da humanidade, fica-se impressionado com as manifestações complexas e diversificadas das culturas humanas. Cada uma delas diverge da outra pelo itinerário histórico específico que a singulariza e pelos conseqüentes traços característicos que a tornam única, original e orgânica na sua estrutura. *A cultura é expressão qualificada do homem e da sua existência histórica*, tanto a nível individual como coletivo. De fato, ele sente-se incessantemente impelido pela inteligência e pela vontade a «desenvolver os bens e valores da natureza»¹, organizando em sínteses culturais cada vez mais elevadas e sistemáticas os conhecimentos fundamentais relativos a todos os aspectos da vida, e de modo particular os que dizem respeito à sua convivência social e política, à segurança e ao desenvolvimento econômico, à formação dos valores e significados existenciais, sobretudo de natureza religiosa, que permitem à sua vida individual e comunitária desenrolar-se segundo modalidades autenticamente humanas.²

5. As culturas caracterizam-se sempre por alguns elementos estáveis e duradouros e por outros dinâmicos e contingentes. Quando alguém analisa pela primeira vez uma cultura, saltam à vista principalmente os aspectos particulares que a diferenciam da cultura do observador, dotando-a de uma expressão típica para a qual concorrem elementos da mais diversa natureza. Na maior parte dos casos, as culturas desenvolvem-se num território concreto, onde se entrelaçam, de modo original e irrepetível, elementos geográficos, históricos e étnicos. Esta «tipicidade» de cada cultura reflete-se de forma mais ou menos saliente nas pessoas que a possuem, num dinamismo incessante

1. CONC. ECUM. VAT. II, Const. past. *Gaudium et spes*, 53.

2. Cf. JOÃO PAULO II, Discurso às Nações Unidas, 15 de outubro de 1995.

da influência daquela sobre os indivíduos humanos e do contributo que estes lhe dão segundo a própria capacidade e engenho. De qualquer modo, *ser homem significa necessariamente existir numa determinada cultura*. Cada pessoa está marcada pela cultura que respira através da família e dos grupos humanos de que faz parte, dos percursos educativos e das mais diversas influências ambientais, da própria relação fundamental que mantém com o território onde vive. Em tudo isso, não há qualquer determinismo, mas uma dialética constante entre a pressão dos condicionalismos e o dinamismo da liberdade.

Formação humana e identidade cultural

6. A recepção de uma cultura própria como elemento estruturante da personalidade, sobretudo na primeira fase do crescimento, é um dado da experiência universal, cuja importância nunca será demais assinalar. Sem tal enraizamento num *humus* concreto, a pessoa arriscar-se-ia a ficar sujeita, ainda em tenra idade, a um cúmulo excessivo de estímulos contraditórios, que dificultariam o seu crescimento sereno e equilibrado. Sobre a base desta relação fundamental com as próprias «origens» — a nível seguramente familiar, mas também territorial, social e cultural —, forma-se nas pessoas o *sentido da pátria*, e a cultura tende a assumir, nuns lados mais noutros menos, uma configuração «nacional». O próprio Filho de Deus, ao fazer-Se homem, adquiriu, com uma família humana, também uma «pátria»; ficou para sempre Jesus de Nazaré, o Nazareno (cf. Mc 10,47; Lc 18,37; Jo 1,45; 19,19). Trata-se de um processo natural resultante de uma interação de exigências sociológicas e psicológicas, com efeitos normalmente positivos e construtivos. Por isso, o amor da pátria é *um valor a cultivar*, mas sem estreiteza de espírito, amando ao mesmo tempo toda a família humana³ e evitando as formas patológicas que têm lugar quando o sentido patriótico assume tons de auto-exaltação e de exclusão da diversidade, gerando formas nacionalistas, racistas e xenófobas.

7. Por isso, se é importante ter apreço pelos valores da própria cultura, é preciso também estar consciente de que toda a cultura, enquanto produto tipicamente humano e historicamente condicionado, supõe necessariamente limites. Um antídoto eficaz para que o sentido de pertença cultural não provoque isolamento é o conhecimento, sereno e livre de preconceitos negativos, das outras culturas. De fato, à luz de uma análise atenta e rigorosa, as culturas apresentam muitas vezes, sob as suas variantes mais externas, *elementos comuns significativos*. Pode-se constatar isso mesmo na sucessão histórica de culturas e civilizações. Iluminada por Cristo, que revela o homem a si mesmo,⁴

3. Cf. CONC. ECOM. VAT. II, Const. past. *Gaudium et spes*, 75.

4. Cf. *ibid.*, 22.

e confirmada pela experiência vivida ao longo de dois mil anos de História, a Igreja está convencida de que, «subjacentes a todas as transformações, há muitas coisas que não mudam».⁵ Uma tal continuidade assenta nas características essenciais e universais do projeto de Deus sobre o homem.

Por isso, as diferenças culturais hão de ser entendidas *na perspectiva fundamental da unidade do gênero humano*, dado histórico e ontológico primário à luz do qual é possível apreender o significado profundo das diversidades próprias. Na verdade, só a visão global dos elementos de unidade e das diferenças é que permite a compreensão e interpretação da verdade plena de cada cultura humana.⁶

Diversidade de culturas e mútuo respeito

8. Em tempos passados, as diferenças entre as culturas foram frequentemente fonte de incompreensões entre os povos e motivo de conflitos e guerras. E ainda hoje, infelizmente, é com crescente apreensão que assistimos, em várias partes do mundo, à *polemica afirmação de algumas identidades culturais contra outras culturas*. Este fenômeno, se exagerado, pode desembocar em tensões e conflitos desastrosos, e, no mínimo, torna penosa a condição de algumas minorias étnicas e culturais que têm de viver no meio de maiorias culturalmente diversas, propensas a atitudes e comportamentos hostis e racistas.

À vista de tal cenário, todo homem de boa vontade não pode deixar de interrogar-se sobre as orientações éticas fundamentais que caracterizam a experiência cultural duma determinada comunidade. Efetivamente as culturas, à semelhança do homem que é o seu autor, estão permeadas pelo «mistério da iniquidade» que atua na História humana (cf. 2Ts 2,7), precisando elas também de purificação e salvação. A autenticidade de cada cultura humana, o valor do *ethos* por ela transmitido, ou seja, a solidez da sua orientação moral, é possível de certo modo medi-los pela sua posição *a favor do homem e da promoção da sua dignidade* a todos os níveis e em qualquer contexto.

9. Se é motivo de grande preocupação a radicalização das identidades culturais que as torna impermeáveis a qualquer influxo exterior benéfico, não o é menos o risco *da homologação servil das culturas*, ou de alguns dos seus aspectos relevantes, a modelos culturais do mundo ocidental que, levantando ferros do ancoradouro cristão, foram inspirar-se numa concepção secularizada e praticamente atéia da vida e em formas de individualismo radical. Trata-se de um fenômeno de vastas proporções, apoiado por poderosas campanhas nos *mass-media*, nas quais se procura transmitir estilos de vida, projetos sociais e econômicos, e, em última análise, uma visão global da realidade que corroem por dentro diversos sistemas culturais e civilizações

5. *Ibid.*, 10.

6. Cf. JOÃO PAULO II, Discurso à UNESCO, 2 de junho de 1980, n. 6.

nobilíssimas. Devido à sua elevada conotação científica e técnica, os modelos culturais do Ocidente apresentam-se atraentes e sedutores, mas revelam infelizmente, de forma cada vez mais clara, um progressivo empobrecimento humanista, espiritual e moral. A cultura que os gera caracteriza-se pela dramática pretensão de realizar o bem do homem pondo Deus, o sumo Bem, de lado. Mas, como adverte o Concílio Vaticano II, «sem o Criador, a criatura não subsiste».⁷ Uma cultura que recusa referir-se a Deus perde a própria alma e orientação tornando-se uma cultura de morte, como o testemunham os trágicos acontecimentos do século XX e os resultados niilistas hoje presentes em notáveis setores do mundo ocidental.

O diálogo entre as culturas

10. De forma análoga ao modo como se realiza uma pessoa, ou seja, mediante o acolhimento magnânimo do outro e do dom generoso de si mesma, também as culturas, elaboradas pelos homens e a seu serviço, hão-de ser modeladas segundo os dinamismos típicos do diálogo e da comunhão, assentes na unidade originária e fundamental da família humana, saída das mãos de Deus, que «fez, a partir de um só homem, todo o gênero humano» (At 17,26).

À luz disso, o *diálogo entre as culturas* — tema desta Mensagem para o Dia Mundial da Paz — surge como uma exigência intrínseca à própria natureza do homem e da cultura. Enquanto expressões históricas diversas e geniais da unidade originária da família humana, as culturas encontram no diálogo a salvaguarda das suas peculiaridades e da sua mútua compreensão e comunhão. O conceito de comunhão, que, segundo a revelação cristã, tem a sua fonte e modelo sublime em Deus uno e trino (cf. Jo 17,11.21), não pode significar nunca redução à uniformidade ou então forçada homologação ou assimilação; mas é expressão da convergência duma multiforme variedade, tornando-se, por conseguinte, sinal de riqueza e promessa de crescimento.

O diálogo leva a reconhecer a riqueza da diversidade e predispõe os ânimos para a recíproca aceitação, em ordem a uma autêntica colaboração, de acordo com a primordial vocação à unidade de toda a família humana. Como tal, o diálogo é um instrumento sublime para realizar a *civilização do amor e da paz*, que o meu venerando predecessor Papa Paulo VI indicou como o ideal que deve inspirar a vida cultural, social, política e econômica do nosso tempo. No início do terceiro milênio, é urgente propor novamente o *caminho do diálogo* a um mundo atribulado por demasiados conflitos e violências, por vezes desanimado e incapaz de perscrutar os horizontes da esperança e da paz.

.....

Joannes Paulus n. II

7. Const. past. *Gaudium et spes*, 36.

- “Encontro de junioristas a nível nacional com mais frequência. Como este Jubileu ajudou a mim e ao grupo, esses encontros aqueceriam a muitos outros e a construção histórica ficaria mais próxima. Que não se passem dez anos para outro acontecimento como este.”
- “Promover grupos de reflexão formados por junioristas que se encontrem com certa regularidade, com a finalidade de estudar, analisar e levantar propostas concretas para a vida religiosa jovem”.
- “Que as Regionais acompanhem a caminhada dos junioratos a partir deste Jubileu e façam com os e as religiosas uma releitura de tudo que viveram e experimentaram em vista de uma atualização de seus programas e projetos”.

Agora... leiam a carta. Deixem-se contagiar pelo entusiasmo e pelos desejos daquelas e daqueles que cerram fileiras e se identificam como “MADRUGADORES DE UM NOVO AMANHÃ” e “MADRUGADORAS DE UM NOVO TEMPO”.

MADRUGADORES E MADRUGADORAS DE UM NOVO AMANHÃ!

Às Co-Irmãs e aos Co-Irmãos na Vida Religiosa:

Somos 350 Religiosas e Religiosos (Junioristas, Acompanhantes e Membros da CRB Nacional). Representamos mais de 100 Congregações, presentes de Norte a Sul, Leste a Oeste de nosso País celebrando o Jubileu do Juniorato em Goiânia, entre os dias 1º a 5 de novembro de 2000.

Queremos partilhar, com alegria jubilar, a nossa vivência de Kairós, os frutos de uma caminhada feita e construída com ardor, nossas crenças, utopias, questionamentos e compromissos que representam um marco histórico do Juniorato no Brasil. O nosso encontro foi marcado por um Espírito de descontraída e jovial alegria, seriedade, espontaneidade, memória histórica, profundas convicções, celebrações expressivas e confirmadoras de nossa consagração.

Todos os trabalhos foram realizados em tomo dos seguintes temas: **Sentir:** *O Amor de Deus — Viu que tudo era Bom;* **Pensar:** *Jesus Cristo — Onde está o teu tesouro?;* **Querer:** *Espírito Santo — Vocês são testemunhas de tudo isso.* Nestes trabalhos tivemos em vista as seguintes dimensões: Vida Pessoal, Vida Consagrada, Vida na Igreja e Vida na Sociedade.

Diante disso:

Afirmamos:

- Somos a visibilização nova e atualizada dos Carismas e Rosto de Deus neste mundo onde estamos inseridos.
- A importância destes encontros Intercongregacionais a nível Nacional para partilha de vida, valores, buscas, inquietações, confirmação de nossa identidade religiosa e celebrações.

- E grande o nosso desejo de servir, evitando o ativismo, para sermos testemunhas-presença do Reino, de forma ainda mais significativa.
- Consagramos aquilo que somos. Para que este processo aconteça, necessitamos de um acompanhamento integral do nosso Ser físico-psico-afetivo-sexual-intelectual-espiritual.
- Sendo a Consagração um processo, faz-se necessário continuar as comunidades co-formadoras (aprendizagem contínua de todos com todos)

Constatamos:

- A necessidade de confirmar e solidificar a identidade-presença profética da Vida Religiosa Jovem.
- É vital para nossa Consagração o cultivo de uma Espiritualidade, a nível individual e comunitário.
- Nossa acolhida e respeito ao passado, nossa consciência e ousadia co-responsável na continuidade da presença criativa do processo histórico da Vida Religiosa.
- A importância de acompanhar, de posicionar-nos criticamente e de discernir os sinais dos tempos e de Deus frente às transformações e novas interpelações históricas (bioética, homossexualismo, ecologia, desenvolvimento científico-tecnológico...)
- A necessidade de continuar aprofundando e amadurecendo as questões referentes a gênero.

Assumimos os compromissos de:

- A exemplo de Jesus ter uma postura ética e profética, diante da Sociedade, a favor da vida.
- Continuar o processo da Refundação como retomada do amor primeiro, do elã de nossos fundadores e fundadoras, sem deixar que ela se torne apenas mais um modismo.
- Testemunhar a alegria de sermos jovens consagrados e consagradas, discípulos e discípulas de Cristo.
- Defender e proclamar os valores evangélicos no âmbito político, social e cultural e tecnológico.

Questionamos:

- É possível haver um verdadeiro processo de Refundação da Vida Religiosa sem uma séria avaliação de certas obras, formas de presença apostólica, mudanças de estruturas organizacionais e relações (de poder) em nível de totalidade, de província e congregação?
- Como é possível fazer reflexões, análises e acompanhamento efetivo do Juniorato sem uma participação direta em eventos como este?

Com o coração transbordante destas realidades vivenciadas e assumidas, partimos como peregrinos e peregrinas rumo ao Santuário do Divino Pai Eterno, na cidade de Trindade. Em comunhão com outros romeiros, celebramos jubilosa Ação de Graças à Santíssima Trindade. Louvamos e agradecemos por tanta vida partilhada, pela presença e testemunho profético da VR no Brasil, pelo apoio e solidariedade recebidos de nossas congregações e da CRB, pelo empenho, entusiasmo e colaboração de tantas pessoas para que este encontro acontecesse.

Oxalá possamos manter a chama do entusiasmo por Jesus Cristo, pela VR e Missão, acesa em nossa vida, com a esperança de que esta caminhada seja fecunda no Espírito.

Com estima nosso abraço na ternura da Trindade.

PARTICIPANTES DO JUBILEU DO JUNIORATO.

Goiânia, 5 de novembro de 2000.

"Somos testemunhas de tudo isso" (cf Lc 24,48)



2. Encontro da Diretoria Nacional, Conselho Superior, Conselho Fiscal e CEN com os/as Presidentes e Assessoras Regionais

O Encontro realizou-se de 16 a 20 de outubro de 2000, na Casa de Retiros Assunção, em Brasília. Na sala de plenário, mesas redondas tornavam o ambiente acolhedor, alegre, formavam pequenas comunidades de reflexão e partilha, e facilitavam a metodologia proposta pela coordenação.

Frases bíblicas iluminavam os trabalhos: “Eis que faço novas todas as coisas” (Ap 21,5); “Vamos para águas mais profundas” (Mc 5,4); “Passemos para outra margem” (Jo 4,35); “Fazei tudo o que ele vos disser” (Jo 2,5). Os dias transcorreram na alegria, no relacionamento horizontal e fraterno, participação igualitária, e na busca de novos paradigmas para a refundação da Vida Religiosa.

O dia de espiritualidade com o Pe. Carlos James, s.j., a exposição do Pe. Manoel Godoy, sobre o projeto da CNBB: “Ser Igreja no Novo Milênio”, as liturgias renovadoras, os grupos de reflexão e as conversas informais contribuíram bastante para a análise e aprofundamento da caminhada da CRB neste ano 2000.

Ficou mais forte o sentido de pertença à CRB e a importância da intercongregacionalidade, valorização e comunhão entre as diferentes realidades do Brasil. Algumas provocações foram reafirmadas ou assumidas, tendo como eixo o processo de refundação da VR: um novo modo de nos comunicar, uma nova dimensão da espiritualidade integrada com a vida, a descentralização da CRB e, ao mesmo tempo, a re-elaboração de sua mística integradora, e o grande desafio: **compromisso de assumir o processo de Análise Institucional em vista da reestruturação das Regionais.**

A XIX Assembléia Geral da CRB, a realizar-se de 09 a 13 de julho de 2001, foi, também, o grande horizonte do Encontro. Em direção a ele, Pe. Carlos apresentou algumas pistas: ter a capacidade de maravilhar-se com o bom e o belo e de indignar-se com o mal e a morte; adquirir elasticidade e plasticidade, características necessárias para a refundação, abrir-se à novidade Jesus Cristo, anunciá-lo e vivê-lo como Boa Notícia: ser feliz com Deus. Descortinando essa Assembléia/horizonte, viver em “Tempo de Sinais” descobrindo os “Sinais dos Tempos” torna-se uma experiência significativa capaz de criar uma nova configuração histórica da VR.

Reflexão Teológica

Reflexão Teológica

A Vida Religiosa Pro-vocada

A Vida Religiosa Pro-vocada

PE. CARLOS PALACIO, SJ

REFLEXÕES NO UMBRAL DO TERCEIRO MILÊNIO

Interpretar a vocação cristã comum, básica, como seguimento de Jesus significa superar definitivamente a tentação de criar duas categorias de cristãos: os que se contentam com os mandamentos e os chamados à perfeição.

O tema que me foi pedido chegou-me em várias formulações: fundamentação da Vida Religiosa em uma "nova cristologia" ou: que cristologia para uma nova Vida Religiosa? Ou: novos caminhos da cristologia. As variantes supõem que a Vida Religiosa tem que se deixar iluminar pela cristologia. E que esta aproximação pode ser importante para compreender o momento atual da Vida Religiosa.

INTRODUÇÃO: VIDA RELIGIOSA E CRISTOLOGIA

Havia também nos títulos uma preocupação com a atualidade: hoje se cumprem estas Escrituras, hoje começa algo novo. Referência bastante clara ao "hoje" de Jesus na Sinagoga de Nazaré (Lc 4, 21). E (por que não?) alusão implícita aos sonhos, desejos e utopias que a mudança de século e de milênio suscita na Vida Religiosa.

À primeira vista, o título dado finalmente a estas reflexões não resguarda nem a preocupação com as elaborações da cristologia na teologia atual

nem sua relação com a Vida Religiosa. Entretanto, falar de uma Vida Religiosa pro-vocada significa que o decisivo para Vida Religiosa não é saber em que "teoria cristológica" se apóia, mas sim em viver do Espírito de Jesus. Sem dúvida, a única coisa que a pode provocar é chamá-la para adiante e fazê-la sair de sua situação atual, é a relação viva com o Espírito do Ressuscitado. Esta dimensão cristológica vivida é mais importante para a Vida Religiosa do que o que possa haver de novo nas

ALCANTARA

elaborações cristológicas, ainda que evidentemente não se excluam.

É o que sucede na comunidade eclesial. As cristologias resguardam, em parte, o modo como a comunidade capta hoje a figura de Jesus. E, ao mesmo tempo, iluminam essa experiência. Por isso, nas cristologias se torna explícito de maneira reflexa como a comunidade eclesial vive sua relação com Jesus e a coloca em prática.

Sem qualquer pretensão de analisar as cristologias atuais, pode-se dizer que uma de suas características é ter devolvido ao seguimento de Jesus a importância que tem no evangelho. Sua centralidade nas cristologias atuais poderia parecer algo evidente, mas não o é quando percebemos que a cristologia tradicional perdeu de vista a vida concreta de Jesus e, com ela, sua dimensão histórica. Ao recuperar a vida, morte e ressurreição de Jesus como conteúdo fundamental de toda cristologia, logo aparece o seguimento como um fato evidente na vida de Jesus e como algo central para a fé cristã. Conhecer Jesus não é algo teórico. As pessoas o conhecem "seguindo-o", vivendo com ele.

Mas o seguimento não é somente central como categoria cristológica; é indispensável para compreender em que consiste a existência cristã, como vocação, como chamamento de todos os cristãos à perfeição. Interpretar a vocação cristã comum, básica, como seguimento de Jesus significa superar definitivamente a tentação de criar duas categorias de cristãos: os que se contentam com os mandamentos e os cha-

dados à perfeição. É o que pensava a tradicional teologia dos "dois estados".

Esta mudança tinha que repercutir necessariamente na teologia da Vida Religiosa. Em primeiro lugar porque não poderia continuar sendo entendida como um "estado de perfeição". E muito menos como vocação superior ou mais perfeita. Mas além disso porque a obrigou a ser compreendida como uma forma peculiar, diferente, de viver a vocação cristã comum. A origem da Vida Religiosa não foi precisamente uma paixão irreprimível por Jesus e pelo evangelho?

Mas como seguir Jesus hoje? Ao contemplar o que tem sido a evolução da Vida Religiosa nas quatro últimas décadas, chama-nos a atenção sua decidida vontade de se transformar para ser fiel a suas origens e sua aparente incapacidade de ir até o fim ou, talvez, de chegar a formular onde reside seu verdadeiro problema para poder enfrentá-lo. Dessa busca honesta e atormentada brotam, entretanto, alguns traços que nos permitem intuir o caminho que terá que percorrer a Vida Religiosa ao atravessar o umbral do novo milênio: voltar a ser antes de tudo uma vida segundo o evangelho, encontrar seu verdadeiro lugar dentro da comunidade eclesial e ajudar a descobrir a novidade da "diferença cristã" em sua maneira de se fazer servidora dos homens e mulheres concretos aos quais é enviada. A isso parece estar sendo pro-vocada a Vida Religiosa. E dessa maneira poderá ser também pro-vocação e serviço na igreja e para o mundo.

Voltar a ser antes de tudo *"uma vida segundo o evangelho"*. Não intencionalmente — porque esta foi sempre a intenção declarada e o desejo da Vida Religiosa. Ser vida, antes de medir-se pela eficácia do que realiza e sê-lo evangelicamente. Ou seja, uma maneira de ser e de viver todo o humano que leve à marca inconfundível do estilo de Jesus. Este parece ser o primeiro traço que se decanta do complexo processo de busca, experimentações e transformações no qual entrou a Vida Religiosa desde que o Concílio Vaticano II a prococou a *"voltar às fontes"*.

Limites do "aggiornamento"

O entusiasmo e a generosidade com que a Vida Religiosa empreendeu o caminho do *"aggiornamento"* não se esgotava nas mudanças. Era impossível naquele primeiro momento ter consciência do que podia significar a *"volta às fontes"* e aonde poderia levar. Muitos se assustaram com a rapidez e a amplitude das transformações. A voracidade das mudanças parecia não ter limites. A Vida Religiosa parecia ter entrado num processo irresponsável e devastador. Por isso, ao longo de todos esses anos, se fez visível mais de uma vez a tentação de pronunciar um *"basta"* a tantas experiências, um *"basta"* capaz de interromper o processo e devolver a Vida Religiosa a suas trajetórias tradicionais.

Agora, com a distância que o tempo permite, e contemplando todo esse

período anterior, parece claro que a Vida Religiosa entrou, sem o saber, no processo do que hoje denominamos *"refundação"*. A *"volta às fontes"* não poderia se transformar em exaltação mítica do passado, mas pouco a pouco foi se revelando como chamada irresistível para recriar a Vida Religiosa frente ao futuro. E essa chamada era uma exigência cada vez mais clara de *"redução ao evangelho"* que se apoderou da Vida Religiosa em sua totalidade, sob todos os seus aspectos e em todas as suas dimensões.

As exigências de mudança foram se deslocando dos aspectos visíveis e exteriores (como o estilo de vida, as estruturas, etc.) para a concepção mesma do que é ou deve ser a Vida Religiosa (teologias subjacentes, confronto de mentalidades, atitudes, etc.) até terminar nas opções concretas de vida (o lugar, o testemunho, a missão, etc.). Como pretender que um processo dessa envergadura fosse linear, transparente e sem tensões? Era inevitável que, como todo processo humano, estivesse marcado por luzes e sombras. Hoje, entretanto, ao contemplá-lo desde o outro extremo do processo, é preciso reconhecer que o que palpitava embaixo de todas essas buscas era uma exigência cada vez mais clara de autenticidade evangélica.

Ao voltar os olhos para trás, decantado o processo e reduzido ao que ficou de essencial, podemos dizer que a Vida Religiosa é cada vez mais consciente de suas contradições, apesar dos passos dados e de tantas conquistas importantes. E, entretanto, nessa mesma situação

de *"impasse"*, ressoa um desejo autêntico e uma exigência explícita de autenticidade evangélica que invade a consciência de toda a Vida Religiosa. Hoje somos mais conscientes de que o futuro da Vida Religiosa está em voltar ao evangelho. Não é fácil dizer em que consiste e como realizar essa chamada ao evangelho. Mas é evidente que aí reside a questão crucial para a Vida Religiosa. Ao longo destes anos, querendo ou não, muitas vezes por caminhos tortuosos e das maneiras mais inesperadas, a Vida Religiosa foi percebendo que as *"reformas"* deram de si o que podiam. E que agora somente lhe resta o caminho das raízes. Porque somente encontrará sua identidade quando for capaz de voltar a algo tão simples e tão essencial como o evangelho. Assim foi em suas origens. A Vida Religiosa surgiu como afirmação — com a vida (confissão, testemunho, mártir) — do que há de radical em toda existência cristã, no momento em que o *"martírio"* real desapareceu do horizonte da vida cristã. A mesma coisa sucedeu nos momentos cruciais de sua história: a atração por um *"evangelho sem crítica"* e a paixão irresistível pela pessoa de Jesus caracterizam a experiência fundante de todos (as) os(as) fundadores(as). A partir dessa experiência, entende-se seu estilo de vida e seu serviço aos menores.

Pois alguma coisa assim, tão simples e tão essencial, é o que a Vida Religiosa parece estar descobrindo hoje, depois de tantas voltas e rodeios. Não se trata de um retorno ao passado, como poderia sugerir a *"volta às origens"*. A experiência de todos esses anos mos-

trou que pode haver formas enganadoras de voltar à origem. Quando um carisma não é capaz de fazer reviver, de animar — como a alma — a vida no presente, é sinal de que se esgotou ou se converteu em uma referência mítica. Voltar ao evangelho — como o viveram os fundadores — tem de ser hoje para a Vida Religiosa voltar a se encontrar com o único que lhe pode dar sentido e que a pode justificar. E essa *"volta ao evangelho"* é algo tão essencial neste momento que constitui algo prévio, sem o qual não poderá sair do marasmo em que se debate. Qualquer outro tipo de pergunta ou de preocupação sobre o futuro da Vida Religiosa passa por essa exigência evangélica.

O que impede essa conversão?

Por que, entretanto, esse retorno ao *"evangelho sem crítica"* parece-nos não somente difícil mas também utópico neste momento? Provavelmente porque a Vida Religiosa perdeu a memória de suas origens. A *"história curta"* — nestes dois ou três últimos séculos — ocupou de tal forma o horizonte consciente da Vida Religiosa que acabou relegando ao esquecimento sua *"história maior"*. Fica difícil ver mais além de nosso pequeno horizonte, como se a riqueza da Vida Religiosa se esgotasse na *"figura"* que conhecemos. E por isso tendemos a reduzir qualquer *"diferença"* ao já conhecido. Ao exaltar esse *"modelo tradicional"* esquecemos que não é tão tradicional como poderia parecer. E por isso se torna mais difícil, se não impossível, reconhecer suas contradições.

É verdade que hoje estamos muito longe do que era a Vida Religiosa na época do Concílio Vaticano II. As aparências — tantas e tão profundas foram as transformações — poderiam dar a impressão de uma verdadeira mutação genética. Mas as aparências enganam. E teríamos que nos perguntar se, no fundo, não continuamos pensando dentro do mesmo modelo, ainda que maquiado. O que significaria dizer que somos reféns de suas contradições? Não seria essa a verdadeira causa do mal-estar atual? E a explicação da contradição existencial na qual nos encontramos: o desejo inegável de autenticidade evangélica e a obscura sensação de que é impossível realizá-lo?

Os indícios são vários. No fundo, consciente ou inconscientemente, continuamos deslumbrados pelo que em um determinado momento pôde parecer o apogeu da Vida Religiosa: o surpreendente aumento das vocações no século passado (o fantasma do número continua nos assustando), o esplendor e a solidez das instituições (o problema das "obras" é hoje uma de suas manifestações) e a segurança psicológica proveniente de uma codificação minuciosa das práticas (em contraste com a aparente **anomia** atual e a necessidade de encontrar estruturas capazes de sustentar a experiência). Essa síntese seduz. Não terá sido essa a expressão definitiva da Vida Religiosa? A tentação é real.

Mas somos suficientemente conscientes das contradições desse modelo? E de que elas são responsáveis pela dolorosa dilaceração pessoal e institucional — entre o desejo de fidelidade

ao evangelho e a impossibilidade de se desfazer dessa espécie de camisa de força que nos oprime? De fato, a configuração atual da Vida Religiosa é um produto híbrido e, além disso, contraditório. Híbrido porque a diversidade dos carismas históricos e a riqueza polivalente das experiências fundamentais tiveram que se adaptar a um molde pré-existente (o modelo monástico) para o qual não haviam sido pensados. E, por isso mesmo, contraditório, porque as "estruturas" existentes não podiam "expressar" a novidade de novas experiências.

O exemplo mais evidente de tal contradição é a Vida Religiosa "apostólica", que é a forma moderna de Vida Religiosa. Que significa, por exemplo, a separação-**rayana** com a ruptura — entre "ser" e "fazer" (para usar a linguagem comum), entre "vida espiritual ou religiosa" e "obras ou missão"? Por que se torna praticamente impossível submeter o peso da instituição que nos paralisa de tantas formas ao sopro do Espírito e aos critérios de um verdadeiro discernimento espiritual? Ou por que não acabamos de encontrar um estilo de vida capaz de expressar o que queremos viver como seguidores de Jesus?

A ambigüidade da mesma linguagem é eloqüente. É possível separar o que vivemos do que fazemos? É possível prolongar indefinidamente um estilo de vida que contradiz o que confessamos ou afirmamos professar? É possível aceitar que o lado "institucional" da Vida Religiosa (sejam quais forem suas manifestações) se enrijece pela lógica do mundo mais que pela do evangelho? Há

nessas dicotomias um duplo e perigoso desequilíbrio: buscar a razão de ser da Vida Religiosa em suas realizações mensuradas (espelhismo dos resultados, tributo pago pela Vida Religiosa ao primado moderno da eficácia) e não poder desfazer-se do peso **agobiante** do “glorioso” passado institucional. O que aparece é o que vale. E o que pode dar sentido. No fundo, absolutizamos uma forma de Vida Religiosa e perdemos o dinamismo evangélico, o único capaz de manter sempre aberta a tensão entre carisma e instituição.

Nessas perguntas dolorosas, vem a perigosa esquizofrenia na qual vive ainda a Vida Religiosa: a separação entre a chamada “*experiência espiritual*”, a dimensão apostólica ou a missão, e a maneira de configurar a vida em coerência com o que pretende e está chamada a ser. Precisamente o novo, o original, o diferente desse tipo de vida com relação às formas históricas anteriores consistiu em uma maneira de experimentar a Deus inseparável do modo de estar presente na realidade do mun-

do, que, por isso, exigia um estilo de vida (e, portanto, estruturas e mediações) que não poderia ser reduzido ao que já existia. A síntese nova e vital desses três aspectos ou dimensões inseparáveis é o que hoje denominamos experiência fundante. E para isso aponta uma expressão tão em moda hoje como “*refundar a Vida Religiosa*”.

Pro-vocada ao trabalho das raízes e a tornar a se refazer desde o evangelho, a Vida Religiosa tem de encontrar novos equilíbrios vitais que não lhe virão certamente do “*modelo tradicional*”. Pelas contradições que entranha. E porque a riqueza histórica da Vida Religiosa não se esgota nessa “*figura*”. Por isso seria bom recordar a provocação que nos pode vir daquela palavra de Jesus: “*no princípio não era assim*” (Mt 19, 8). O que nos faz perceber que é possível voltar ao evangelho e que essa parece ser a palavra provocadora de Deus para a Vida Religiosa neste momento histórico. Somente assim poderá ser um verdadeiro dom para a comunidade eclesial.

UM CARISMA PARA A IGREJA

A ascensão dos leigos

À medida que passam os anos, vamos percebendo o que estava implícito na eclesiologia da constituição *Lumen Gentium*: o “*povo de Deus*” (C.II) como primeira concretização do “*mistério da Igreja*” (C.I) e a íntima relação que existe entre o que se afirma sobre o “*povo de Deus*” (C.II), os “*leigos*” (C. IV) e a “*vocação universal à santidade*” (C.V).

O que havia de revolucionário nesse enfoque foi aparecendo pouco a pouco nos anos do pós-concílio. Não é à toa que se fala cada vez mais no protagonismo dos leigos ou se repete com insistência que a Igreja do terceiro milênio será a Igreja dos leigos. De fato, essa “*ascensão dos leigos*” é um dos indícios que faz possível esperar que no próximo milênio se produza uma mudança de pa-

radigma eclológico e se dê o passo de uma Igreja concebida e estruturada a partir da dimensão hierárquica para uma Igreja cujo pressuposto fundamental seja a igualdade e a comunhão.

É possível que a irrupção dos leigos na Igreja tenha começado de maneira pragmática e por motivos utilitários: a escassez de mão de obra. Mas sua raiz é teológica: o primado da vocação cristã primeira e fundamental, afirmado, sem lugar a dúvidas, na *Lumen Gentium*. Ao constituir a vocação cristã comum como ponto de partida para compreender toda a vida eclesial, o Concílio nos obrigou a repensar o conceito de vocação e definiu o eixo ao redor do qual deve girar e organizar-se a Igreja de Jesus: a igualdade fundamental dos cristãos. Esse foi o primeiro passo para superar o modelo hierárquico-piramidal de Igreja, dominante no segundo milênio, e abrir o caminho para uma Igreja de comunhão. Por isso resulta ambíguo o conceito de "protagonismo". Não somente porque parece esquecer que na Igreja não pode haver mais protagonistas que o Senhor ressuscitado, mas sobretudo porque assim se oculta o verdadeiro problema: a mudança de paradigma. Pode se dar mais espaço aos leigos na Igreja sem tocar no modelo eclesial. É o que se constata na prática. E o indício mais evidente são as dificuldades que existem para o acesso dos leigos a uma maior participação no governo e nos ministérios.

A vocação primeira

É que desde o momento em que se privilegia a vocação cristã comum, o

mesmo conceito de vocação entra em "crise". Se a vocação por excelência é a vocação básica — ser cristão —, as outras vocações têm que se definir desde a "vocação cristã". A "vocação", então, é um conceito análogo. E seu primeiro referencial (*o analogatum princeps*) é o ser cristão. O que supõe uma radical inversão de perspectivas. Porque a mentalidade tradicional valorizava sobretudo as vocações "especiais" e não a "comum". Agora são as outras vocações que têm que "se justificar". E essa "justificação" não pode ser a mesma quando alguém se arrisca no caminho especial da "vida evangélica" ou quando se trata de desempenhar um "ministério" na comunidade. Para "sair" da vocação comum — como é o caso da Vida Religiosa — é necessário uma chamada especial, outra vocação, que somente pode vir de Deus, do Espírito, de Jesus que atrai para seu seguimento; para "justificar" o ministério como serviço — segundo caso — não faz falta recorrer a Deus (como o fazia o modelo piramidal da Igreja). Deus pode chamar por meio dos outros.

Essa mudança de perspectiva "desequilibra" inicialmente as outras vocações porque as obriga a redefinir-se dentro de outra perspectiva. A "crise de vocações" na Igreja e na Vida Religiosa é uma de suas conseqüências. Crise que não é só em primeiro lugar questão de número, mas de identidade. E somente quando se redefinir a identidade de cada vocação poderemos colocar de maneira correta a questão do número. Parece evidente pelo que se refere à "vo-

ação *presbiterial*". A solução do problema dos ministérios depende, em parte, do modo de se situar dentro de um novo modelo de Igreja. Qual seria o modelo de presbítero para essa nova Igreja? Como situar sua vida e sua função dentro de outra concepção do ministério? É natural que quando se substitui o eixo da autoridade pelo da comunhão, o clero e a hierarquia se sintam afetados pela mudança. E essa é também uma das explicações para a indefinição da Vida Religiosa atual. Que significa para ela definir sua identidade a partir da vocação cristã fundamental?

A vocação religiosa

Em primeiro lugar, esse tipo de vida não pode ser *"deduzido"* da estrutura da Igreja. E, portanto não pode se assimilar ao hierárquico. É o que deixou bem claro o Vaticano II (LG 44). Mas tampouco pode ser reduzida à vocação *"leiga"*. O caráter *"laical"* da Vida Religiosa foi uma das questões apaixonadamente discutidas nestes anos pós-conciliares. Não só porque numericamente os *"leigos"* (religiosas ou irmãos) são maioria. Também e sobretudo pela dificuldade de situar adequadamente na Vida Religiosa a existência de *"religiosos presbíteros"*. Pelo presbiterado os põe em relação com a estrutura hierárquica. Esse vínculo constitui uma ameaça à *"pureza"* do carisma religioso?

O problema não está definitivamente resolvido. Mas hoje se delinea

em outros termos. Obrigada a se medir com a vocação cristã comum, a Vida Religiosa é conduzida ao essencial. O que a *"justifica"* não é o que faz ou possa fazer, mas uma maneira de viver que tem que ser evangélica. Por isso é dom (carisma) indispensável à vida e à santidade da Igreja. O que não quer dizer que seja uma vocação *"superior"*. É impossível continuar interpretando a vocação religiosa como *"estado de perfeição"*. Por ser vida cristã e dentro de sua peculiaridade, tem que se realizar — como toda vida cristã — no processo real que é o seguimento de Jesus.

Nessa *"cristianização"* ou *"redução"* a sua dimensão cristã fundamental, a Vida Religiosa adquire dois traços claros: nem pode ser assimilada ao hierárquico (o que tem muitas conseqüências) nem pode ser identificada sem mais nem menos com a vocação leiga, quer dizer, com a maneira normal de realizar a existência cristã no mundo. É simplesmente uma forma diferente de ser cristão. E essa diferença não se manifesta em primeiro lugar com *"sinais exteriores"* (distância do mundo, sinais religiosos, etc.), mas com a vida. A Vida Religiosa será diferente na medida em que seja capaz de configurar de outra maneira a mesma realidade humana e cristã: o amor, a riqueza, o poder, as relações com os outros, etc. Nesse sentido, a Vida Religiosa é a-normal. O que talvez poderia ajudar a iluminar o problema do número de vocações. É normal que essa

vida seja para muitos? Sem cair em elitismos. Sentir-se “chamados” (vocaçã) à Vida Religiosa é sentir-se capacitados pelo Espírito do Senhor para esse estilo de vida.

Viver o humano como Jesus. Isso é radicalizar o evangelho. Dessa maneira poderá ser a Vida Religiosa o “sinal” — necessário para as outras vocações — do que tem de ser toda vocação cristã. Ser “dom” para a Igreja neste momento concreto significa, pois, para a Vida Religiosa, aceitar entrar com todas as conseqüências nessa perspectiva. Deixar-se cristianizar, descobrir, como o fizeram os fundadores, a importância para a Igreja de uma vida “leiga” que leve a sério o evangelho, ajudar a refazer o tecido eclesial desde a igualdade e a comunhão, dar testemunho com a vida de que na Igreja o poder e a autoridade somente serão evangélicos quando forem de fato serviço e que, portanto, também na Igreja, o institu-

cional pode e deve ser submetido ao evangelho porque “entre vós não deve ser assim”.

Quanto mais clara tenha sua identidade, mais fácil será para a Vida Religiosa definir sua missão na Igreja e no mundo. A “clericalização” da Vida Religiosa presbiteral ou a utilização, para fins pastorais, da Vida Religiosa feminina não estão indicando uma falta de identidade? Sem deixar de ser “carisma”, quer dizer, um dom para enriquecer a vida e a santidade da Igreja, a Vida Religiosa não teria que ser — pelo menos a apostólica — uma vida para o mundo? Não deveria ser a Vida Religiosa a “Igreja das fronteiras” mais além do eclesial constituído, a presença do cristão “ad extra”, buscando os novos ou antigos “pagãos”, à maneira de fazer chegar a “boa nova” ali aonde não vai ninguém, aonde normalmente a Igreja não vai? Entramos assim no que constitui a terceira provocação para a Vida Religiosa.

A VIDA RELIGIOSA E A “DIFERENÇA CRISTÃ”

O específico cristão

A “condição cristã” no mundo está passando por profundas metamorfoses que exigirão do cristão do futuro voltar a beber nas fontes mais puras do evangelho. Um dos grandes desafios que o cristianismo terá que enfrentar, ao atravessar o umbral do terceiro milênio, é o de recuperar de maneira clara e transparente sua especificidade. Não de forma puramente teórica, ou doutrinal (como as clássicas discussões

sobre a “essência do cristianismo”). Nem por prurido de superioridade. Mas para deixar claro em que consiste a “diferença” cristã. Esse trabalho é o verdadeiro pressuposto de uma nova evangelização e a condição insispensável de qualquer diálogo inter-religioso responsável.

Tal “diferença” consiste em uma maneira de experimentar a Deus inseparável do modo de se situar frente à realidade humana. Porque, em Jesus Cristo, Deus

o homem se dão a nós não só unidos, mas interpretando-se mutuamente: o humano é a expressão de Deus e Deus é o fundamento e a consistência do humano. Como interpretar essa experiência com as categorias tradicionais que separam o sagrado do profano, o espiritual do material, o divino do humano?

Esta unidade é decisiva para viver e expressar a *"condição cristã no mundo"*: sem dicotomias, mas sem reducionismos. E, entretanto, não é tão evidente que a teologia e a *"espiritualidade"* tradicionais sejam capazes de alimentar tal experiência. É inegável que o imaginário cristão está habitado por uma interpretação religiosa do cristianismo que introduz uma ruptura na experiência cristã. Porque situar essa experiência do lado do *"religioso"* é algo que afeta não somente a experiência de Deus, mas também a experiência do humano. Com o perigo de desfazer a *"diferença"* cristã, ou seja, de contaminar ao mesmo tempo a idéia e a experiência de Deus, e a seriedade e a consistência da realidade humana.

O *"sintético"* das experiências fundamentais

Também aqui a Vida Religiosa pode estar chamada a desempenhar um importante papel. Porque desde o princípio foi uma defesa apaixonada da radicalidade evangélica. E, por isso, da *"diferença"* cristã. Recompor essa unidade, recuperar essa síntese que caracteriza sua experiência fundante e devolvê-las à comunidade cristã poderia

ser uma das tarefas mais sérias da Vida Religiosa neste momento. Mas isso exigiria purificar a imagem estereotipada que temos da Vida Religiosa. Porque também ela foi objeto de uma leitura predominantemente *"religiosa"* que se faz sentir nos mínimos detalhes.

A história, entretanto, confirma que em toda verdadeira *"fundação"* se recria de maneira original o específico da *"diferença"* cristã. Os momentos em que houve um salto qualitativo na Vida Religiosa caracterizam-se por fazer visível de maneira nova essa unidade indissolúvel da experiência cristã: que é impossível ser afetado pelo Deus cristão sem ser, ao mesmo tempo, transpassado pela realidade humana, e que a única experiência *"espiritual"* cristã é a que permite viver na *"carne"* do mundo — encarnados! — com o mesmo *"espírito"* que animava Jesus. Essa é a *"mística"* cristã. E a *"missão"* é a necessidade de expressar essa unidade com a vida e traduzi-la em gestos concretos para os outros. Por isso *"mística"* e *"missão"* são os dois rostos inseparáveis da experiência fundante de toda Vida Religiosa. Quando se desfaz essa unidade, as duas se pervertem: a *"mística"* torna-se misticismo sem controle e a *"missão"* transforma-se em ativismo sem alma.

Não é necessário ser muito perspicaz para perceber que essa ruptura é uma das feridas mortais pelas quais se empobrece hoje a Vida Religiosa. Mas *"no princípio não era assim"*. A experiência dos fundadores soube manter unidas a paixão por Jesus Cristo e a vida feita serviço aos mais necessitados. A necessidade de traduzir

a experiência de Deus em gestos concretos não era algo **añadido** à adesão a Jesus Cristo. Brotava da vida e a inspirava. Essa é a grande diferença entre a *"missão"* que expressa e traduz a experiência e as *"tarefas"* ou as *"obras"* realizadas à margem da *"mística"*. A verdadeira missão só se mantém com *"mística"*; as *"obras"* podem ser resultado de uma *"profissão"* desempenhada com esmero, talvez, mas sem *"espírito"*, sem vida, sem paixão. Consumada a ruptura, a Vida Religiosa se faz **añicos**: *"corpo"* sem *"espírito"*, espiritualidade desencarnada. Com prejuízo para os dois.

Recriar a "síntese"

Recuperar, desde seu estilo particular, a *"diferença"* cristã. Não seria esse o grande desafio que tem pela frente a Vida Religiosa? Não faltaram novas fundações nos últimos séculos. Mas não é certo que tenham conseguido sempre recompor essa unidade vital. Uma das mais recentes e talvez a única verdadeiramente inovadora é a Fraternidade das Irmãzinhas de Jesus, fundada pela Irmã Madalena, fascinada pela experiência do Irmão Carlos de Foucault. Não seria exagerado afirmar que, desde o ponto de vista histórico, é a única *"novidade"*, o único projeto alternativo dentro do que era a Vida Religiosa até os anos 40. E seria preciso perguntar-se se não se declarou com esse grupo o que poderia constituir um começo novo para toda a Vida Religiosa. Refiro-me à *"mística"* que inspira e anima a Fraternidade, não a sua forma concreta de realizá-la.

Se há algo que, desde o princípio, chama a atenção na Fraternidade é a unidade profunda entre *"mística"* e vida concreta, entre paixão por Jesus e seu evangelho e imersão solidária na realidade. Uma *"mística"* que vai ao coração do cristianismo. Somente alguém que tenha sido profundamente afetado pelo coração do Evangelho poderia atrever-se a dizer a suas *"religiosas"*: *"sede humanas antes de ser religiosas"*, ou *"sede humanas o mais divinamente possível... e religiosas as mais humanamente possível"*. Síntese perfeita de sua adesão a Jesus. Essa é sua força: *"gritar o evangelho com a vida"*. E sua fragilidade, na mais pura linha da encarnação. Porque o faz sem qualquer recurso além do testemunho solidário.

Para a Vida Religiosa é como ver-se a si mesma em estado puro, reduzida ao essencial. Nesse sentido a *"intuição"* que sustenta a Fraternidade poderia ser um modelo inspirador do que tem que ser toda a Vida Religiosa. E, por beber da raiz da vocação comum que é o evangelho, também para maneira de ser cristãos.

A modo de conclusão

No futuro, a *"condição cristã"* terá que ser vivida num mundo cada vez mais *"mundano"* (autônomo em sua imanência, menos cristão, mais secular) e em uma realidade — cultural e religiosamente — plural. Para ser cristãos como religiosos será necessário voltar a converter-se ao evangelho como *"norma de vida"*, deixando que a

vida fale pelo que somos; será necessário voltar a viver dentro das situações — limite da vida, dando-lhes sentido e esperança por dentro, em uma radical proximidade solidária a todo o humano; será necessário abrir-se ao outro, sem limites nem fronteiras, acolhendo e integrando sua diversidade social, cultural, religiosa, racial, etc.

O peso de tantos “desafios” poderia fundir-nos no desespero da impotência. Por isso parece-me mais cristão falar de provocações. Os “desafios” nos solicitam por todos os lados, sem nos dar soluções, deixando-nos perplexos. Para transformar-se em “*provocação*” é necessário que saiam do

anonimato e cheguem até nós como uma interpelação pessoal, um chamado que nos oferece, ao mesmo tempo, a possibilidade de responder. Porque nos vem de Alguém. E então é quando começamos a seguir concretamente a Jesus pelo caminho que Ele nos vai indicando.

Não é isso, no fundo, o que está por trás do problema tão discutido hoje da refundação? Não nos percamos em questões de palavras. Podemos discutir os termos. Mas seja qual for a palavra que nos satisfaça, a realidade à qual a Vida Religiosa está sendo provocada, mais além das palavras, é o “*evangelho sem crítica*”.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. Qual é hoje a substancial provocação à Vida Religiosa?
2. Que coisas impedem a necessária conversão da Vida Religiosa?
3. Como assumir os riscos e desafios da refundação e dar passos concretos nessa perspectiva, como comunidade?

✉ Pe. Carlos Palacio, sj
Caixa Postal: 5047 —
CEP 31611-970 — Belo Horizonte — MG
Tel.: (0 31) 499-1619
Fax: (0 31) 499-1611

Revisitando os três ciclos da História da Vida Consagrada

IRMÃO NERY, FSC

INTRODUÇÃO

Proponho-me, nos limites de um breve artigo, visitar, os três grandes ciclos históricos da História da Vida Religiosa, situando-os no amplo contexto de suas respectivas épocas: *Monaquismo, Mendicantes, Diaconia*, para facilitar aos leitores e às leitoras “buscar lições do passado”, que possam iluminar nossa caminhada refundacional da Vida Religiosa hoje.

1. SÉCULOS I A IV:

O SEGUIMENTO RADICAL DE JESUS CRISTO NO MARTÍRIO E NA VIRGINDADE

1.1. A fase martirial

Nos primeiros séculos do cristianismo o seguimento de Jesus Cristo é vivido sob o impacto de forte emoção e alegria de um estilo de vida, em tudo semelhante ao das demais pessoas, mas com uma força de novidade única, com quatro fundamentos: a) a certeza de que Jesus é o Filho de Deus encarnado, que deu sua vida e ressuscitou, para nos salvar; b) a convicção de um novo tipo de vida pessoal e social, a partir da vivência do mandamento novo do “Amar como Jesus amou”, concretizado na experiência comunitária; c) o zelo missionário para levar a opção cristã

ao maior número de pessoas e lugares; d) a esperança escatológica de que, em breve, Jesus viria em glória para consumir a sua missão, e levar consigo para a eterna felicidade os seus fiéis. A vida cristã era construída sobre a *conversão*, o *Batismo*, a *comunidade fraterna e orante* e o *serviço*. E a quase totalidade dos cristãos era formada por adultos, que após o impacto da evangelização acolhiam a fé e depois de passar pelo catecumenato, comprovando a seriedade da conversão, eram aceitos na comunidade. O Batismo supunha a fé suscitada pelo anúncio kerigmático.

Mas o crescimento e a influência dos cristãos, no mundo judaico e no

mundo greco-latino passam a ser lidos, por alguns poderosos da época, como ameaça à situação reinante. A perseguição, por parte de um grupo significativo de judeus e de romanos, traz, porém, um importante reforço à mística dos cristãos, ou seja, *um modo radical de seguir Jesus*. Morrer por causa da fé cristã passa a ser considerado como sendo a melhor forma de imitar o Senhor Jesus, o caminho mais direto para estar com Ele, na glória. Os Apóstolos e influentes líderes cristãos são martirizados. O resultado, no entanto, não é o desânimo dos seguidores de Jesus, o que exaspera as autoridades romanas. Tanto os que efetivamente morriam como os que sem morrer confessam a fé, passam a receber de todos os demais cristãos um culto muito especial de admiração e respeito.

1.2. A ascese martirial

Em breve, o ideal do martírio contagia a comunidade cristã, e como consequência, se introduz mais seriedade na preparação dos convertidos, para que eles tenham segurança, coragem e fidelidade em tempos difíceis. O catecumenato, no século III, é estruturado em três anos, com etapas sucessivas, cada vez mais exigentes e ricas de conteúdo, símbolos, rituais... E quem não se sente tão fortemente ameaçado pela perseguição assume *uma ascese martirial de vida*. Esta ascese tem duas perspectivas, uma é a imitação de Jesus que por primeiro percorreu com muito sofrimento o caminho para a comunhão com a vontade de Deus, que incluiu o combate às forças do mal; a outra é a solidarie-

dade aos irmãos e às irmãs em prisão, em tortura, condenados(as), mortos (as). Isto é feito por meio de jejuns, práticas de caridade para com os mais pobres, oração, maior atenção aos bens espirituais e eternos do que aos bens deste mundo. *Viúvas* de mártires, recebem uma estima muito alta dos cristãos, e muitas delas optam por não casar novamente, e decidem dedicar suas vidas a Deus e à Comunidade. O *ideal da virgindade* começa a crescer entre as jovens, como uma prova martirial de seguimento de Jesus no estilo matrimonial de "sponsae Christi" e, também, como forma de esperar a vinda gloriosa do Senhor.

Até o século IV, com exceção da *opção pela virgindade*, da *espera escatológica* e do ideal de uma *ascese martirial*, não há nada do que hoje se chama Vida Consagrada. Apesar de falhas graves que vão acontecendo no seio da comunidade cristã (escândalos, heresias, apostasias, etc.), a alegria contagiante de seguir Jesus, com especial assistência e força do Espírito Santo (experiência pentecostal), e a tensão martirial e escatológica, em meio à perseguição, mantém o fervor e a fidelidade dos cristãos, e é um chamado para muitos simpatizantes da nova religião.

1.3. A decadência do cristianismo primitivo

Chega o século IV. A partir do edito de Milão, em 313, as circunstâncias políticas mudam rápida e decisivamente certos aspectos organizativos basilares do cristianismo. De perseguido e escondido, ele passa a ser reconhecido como

força social e se torna a religião do Estado. O *catecumenato* e a *catequese* que davam grande solidez aos cristãos vão ruindo, com a decadência do cristianismo primitivo e com o surgimento e consolidação da *crístandade*. A Quaresma assume cada vez mais o sentido celebrativo e devocional, em detrimento da Quaresma como etapa importantíssima do catecumenato batismal, que no século V e VI se limitará a condensados encontros e ritos, e logo em seguida é, de fato, superado por causa da introdução do Batismo das crianças.

Constantino, o Grande, vencendo Maxêncio, na Ponte Milvia, é aclamado imperador romano e, em 313, por meio do edito de Milão, decreta a liberdade a todos os cultos e o cristianismo encontra espaço e, cada vez mais, apoio oficial. *Teodósio I*, um dos sucessores de Constantino, em 390, pelo edito de Tessalônica, proclama o cristianismo como religião oficial do Estado. Estabelece-se a aliança dos dois poderes "o temporal e o espiritual" (o cesaropapismo), com as suas conseqüentes ambiqüidades, pois os cristãos recebem proteção oficial e mordomias, principalmente bispos, padres, nobres e políticos. As multidões não vêem outra saída que a de passarem para o cristianismo. Com isso, não há condição de preparar tanta gente para a fé cristã através do longo processo do catecumenato.

to. As conseqüências desta mudança na preparação dos fiéis são desastrosas e perduram até hoje. A cultura grega sobrepõe, no cristianismo, a cultura hebraica, da qual nasceu. A mensagem bíblica é traduzida para as categorias greco-latinas, com predomínio do intelecto, da filosofia e não mais da experiência, da história, próprios do estilo semita bíblico...

Com o crescente domínio da crístandade, além do desaparecimento do *catecumenato* como longo e exigente período preparatório ao batismo, desaparece também a catequese como processo educativo do cristão, de modo gradativo, experiencial, comunitário, dialógico, de conversão e ação. E desaparece o martírio, como o ideal e a prática do seguimento mais radical de Jesus Cristo. Começa, então, a longa fase da chamada "*catequese por imersão*" (cf. CR nº 8-9), isto é, alguém nascendo na *Crístandade* só pode ser cristão, por escolha ou não. Apenas uma parte do clero e alguns raros leigos continuam com um processo formativo mais estruturado. Em parte, porém, esta formação clerical é usada, por muitos homens, com outros intuitos, porque é um dos únicos meios para se conseguir cultura, riqueza, poder, influência... As mulheres, cada vez mais relegadas no cristianismo, dominado pelos homens, ficam fora da formação intelectual, reservada ao clero e a poucos leigos.

2. SÉCULOS IV A XII:

O SEGUIMENTO RADICAL DE JESUS NO MONAQUISMO

2.1. Origens do Monaquismo

Mas nas bases do povo cristão, há um borbulhar de vida nova. Em meio

a este período de grande decadência interna da Igreja, de enormes mudanças civilizacionais, de necessidades

especiais, portanto, de exigência de renovação e reforma, **leigos e leigas reagem**. Depois de Constantino e Teodósio (século IV), por causa do abandono do catecumenato, por parte dos pastores, vários leigos passam a tomar a iniciativa de propor um processo mais radical de viver a pureza do Evangelho, em meio à decadência generalizada do cristianismo, cooptado pelo Estado, e ao relaxamento no fervor martirial dos primeiros tempos. Se não há mais martírio por força da perseguição, os cristãos têm de se auto-martirizar pela ascese (exercícios, treinamento nas virtudes), já que o seguimento de Cristo e a sua imitação exigem a cruz, o heroísmo.

Os primeiros sinais, como acima aludimos, aparecem num reafervoramento do "**ascetismo doméstico**". A iniciativa é das **mulheres**. A paixão por Jesus leva-as a fazerem a opção pela virgindade, como "sponsae Christi" e a um maior rigor na prática da vida cristã. Continuam em suas famílias ou formam pequenos grupos. Pela força da mentalidade patriarcal da época, são obrigadas a se colocarem sob orientação de um clérigo.

Os **homens**, por sua vez, em geral leigos, iniciam uma experiência de fuga da onda decadente do cristianismo. Procuram *um modo mais puro e radical de viver o Evangelho e o seguimento de Jesus*. Por influência de certos aspectos da cultura grega, alguns fazem uma leitura pessimista do mundo, da carne, dos valores terrestres. Iniciam vivendo isolados, na solidão, como **anacoretas** (*anacorèthes = afastados*) ou **eremitas** (*ermo-deserto*). Com o aparecimento de

discípulos, passa-se então para o **cenóbio**, pequenas comunidades distante das cidades, com uns poucos momentos juntos. Está aqui a origem ao movimento do **monaquismo**. A experiência começa no Egito, com Santo Antão, se espalha pelo Oriente, em começos do século IV e depois passa para o Ocidente. A história da Igreja, infelizmente, sempre destaca mais a ação dos homens do que das mulheres...

Santo Antão, no Egito, (250-356) está na origem desse movimento do monaquismo e influencia profundamente muitos grupos. Mas é **São Pacômio** (287-346) quem introduz, com base na "koinonia" evangélica da comunidade cristã primitiva, o cenóbio, mosteiros de vida em comunidade. Quando morre deixa nove mosteiros masculinos e um feminino. Ele coloca, por escrito e codifica, os elementos básicos do monaquismo, numa como que **Regra evangélica da vida dos monges e dos mosteiros**. Os que mais difundiram o monaquismo no Oriente foram, Santo Atanásio de Alexandria, bispo, (295-373), em suas visitas ao Ocidente e escrevendo a vida de Santo Antão, e São Jerônimo (350-420). No Ocidente, a influência maior é de **São Bento de Núrsia** (480-547). Mais que fundador, ele é organizador e difusor do monaquismo que veio do Oriente. No lado feminino a influência é de **Santa Escolástica** (480-547), irmã de sangue de S. Bento.

2.2. Características do Monaquismo

São estas as **características** principais do **monaquismo**: a) **cenobitismo**,

comunidade de monges ou monjas, retirada, em lugar solitário; b) acentuação do *ascetismo pessoal* (monge = *monos*, só): viver sozinho, em penitência, com grande parte do tempo na cela, em oração, e no trabalho isolado); c) *oração em comum*, estruturada em momentos precisos do dia e da noite (*liturgia das horas*), recitação dos Salmos em coro, dando destaque ao canto (mais tarde denominado canto gregoriano); d) *trabalho intenso* (sobretudo manual e artístico), como meio de penitência, de sobrevivência do mosteiro e terapia ocupacional, desenvolvimento de talentos: agricultura e pecuária, carpintaria, escultura, pintura, escrita (copismo), queijos, vinhos, licores; e) grande *apreço pela cultura*; f) *predominância dos leigos*, com presença propositadamente limitada de sacerdotes, no mosteiro; g) *autonomia dos mosteiros*, uns em relação aos outros de mesma orientação; h) *seriedade na formação inicial e permanente*, usando-se, com adaptações, o processo catecumenal e de catequese permanente, como acontecia no começo do cristianismo para os que se convertiam; i) o *sentido patriarcal da autoridade*, (*matriarcal*, no caso dos mosteiros femininos).

Visa-se, com isso, a conversão da pessoa de modo a que internalize os ideais mais heróicos do monaquismo. Chega-se mesmo a certas criatividades exóticas para provar a conversão e a fidelidade do monge, da monja. São Casiano recomenda que os monges fujam da mulher e do bispo, pois os monges não devem ser desviados de seu ideal, vivendo no celibato e sem as tarefas dos presbíteros.

O sucesso do Monaquismo. Os mosteiros para homens se multiplicam e se espalham pelo mundo conhecido. Os monges adotam o trabalho de evangelização, pastoral e promoção da cultura. Os mosteiros femininos também crescem e se espalham, mas as mulheres são obrigadas a se manterem enclausuradas. Enquanto acontece a imensa crise do Império Romano, com a invasão dos bárbaros, no século V, a Igreja se fortalece e os monges, dinâmicos e bem preparados, conseguem a conversão do império franco. A Igreja é, aos poucos dominada pelo ideal e organização do monaquismo. E o mundo civil, em grande parte, nele se inspira para a administração, a arte, a construção, a agricultura.

2.3. Decadência do Monaquismo e reformas

A Cristandade Medieval se firma, pelo reforço da aliança dos poderes. O Papa torna-se também Senhor Territorial, com os "Territórios Pontifícios" (754). Carlos Magno (768-814) se coloca como "Rei e Sacerdote", com a missão de dominar todo o mundo e cristianizá-lo, mesmo se precisar recorrer as massacres. Mas em 843 acontece a divisão do macro-império carolíngio. Segue-se o período das Cruzadas. Não tardará muito e a defesa da cristandade criará a Inquisição para combater os hereges, os dissidentes da ortodoxia e dos bons costumes, com o uso de instrumentos de opressão, denúncia, prisão, julgamento, tortura, condenação à morte, execução...

Neste complexo contexto, também os Mosteiros entram em decadência, transformados que são, aos poucos, em potência econômica, cultural, eclesíastica e política. *O primitivo protesto profético dos inícios no deserto, quase desaparece.* O Mosteiro se transforma num símbolo de segurança, riqueza, cultura, poder, corrupção. Passa-se do deserto para o poder sócio-eclesial. A hierarquia continua cada vez mais rica e poderosa... e o povo cada vez mais pobre e explorado...

Há reações diversas à crise. No Oriente inicia-se um processo de ruptura com o cristianismo ocidental, que vai culminar no cisma do Oriente, em 1054, com Miguel Cerulário. No Ocidente, os leigos pobres se organizam em **Grupos de Evangelismo Entusiasta e Contestatário**. E dentro do monaquismo aparecem grupos que lutam por reforma interna.

Reformas no Monaquismo. Assim, no século X (910), em **Cluny**, França, os monges voltam ao rigor da Regra primitiva de São Bento, à observância rigorosa do estilo monacal, ao estudo, à oração, ao trabalho manual. Mas... aos poucos Cluny se transforma, também, em poder econômico ao atrair para si

muitos candidatos e muito dinheiro. Vira um estado dentro do Estado e da Igreja e, obviamente, cai em decadência.

No século XI acontece nova reforma do monaquismo, agora sob a liderança dos monges São Bruno (1084-1110), fundador dos **Cartuxos**, e de Roberto de Molesme, Estêvão Harding e Alberico, todos de Mosteiro de **Citeaux**, também na França. É uma nova volta à Regra de São Bento. Nasce então a Ordem dos **Cistercienses**, que é solidificada por **São Bernardo de Claraval**, em (1090-1153). A história nos mostra, porém, que também os Cistercienses se deixam corromper pelo dinheiro, pelo poder e pela política, e a tal ponto, que durante um certo tempo o poder civil chega a interferir na eleição dos Abades. Mais tarde, ocorrerão outras reformas.

No lado feminino ocupa lugar proeminente na reforma monástica **Hildegarda de Bingen** (1098-11790), que reorganiza a vida monacal em 1150. Acompanhava de perto a situação de sua época, lutava por reforma da Igreja, sendo consultada por sacerdotes e bispos. Recebeu do Papa Eugênio III a autorização para pregar dentro e fora do mosteiro, um fato inusitado, para a época, por ser ela mulher e monja.

3. DO SÉCULO XIII AO XVI:

O SEGUIMENTO RADICAL DE JESUS NAS ORDENS MENDICANTES

3.1. Contexto social das origens dos Mendicantes

As Ordens mendicantes surgem exatamente numa fase específica de uma forte crise institucional civil (no

sentido sócio, econômico, político e cultural) e no fim de um modelo de Igreja, que está exigindo reforma no seu todo e, inclusive, reforma do próprio monaquismo, que se encontra em crise.

Naquela época o mundo civil experimenta um grande crescimento demográfico. Crises no campo fazem o povo fugir em massa para as cidades causando um inchaço antes desconhecido, criando as periferias da *urbs*, se espalhando no *extra muros*. As cidades, obviamente, não estão preparadas para receber tanta gente. O jeito para sobreviver é o comércio. Nasce os "burgos", bairros desorganizados fora dos muros da cidade, com uma população de pequenos comerciantes e de gente pobre, e que passa a ser denominada de **burguesia**. Há uma transição da "vassalagem" (pessoas e famílias a serviço dos senhores feudais) para o "contrato de trabalho", tipo emprego. Aos poucos as necessidades nos bairros forçam o espírito comunitário que vai fazendo brotar por toda parte corporações, agremiações, comunidades, confrarias, fraternidades.

3.2. Contexto eclesial das origens dos Mendicantes

Neste contexto de grandes mudanças o mundo feudal se desmorona. A Igreja, porém, continua feudal. Dedica-se a uma profunda reforma espiritual e disciplinar, mas à margem do que acontece na sociedade civil. Mantém suas possessões, domínios, sistemas de benefícios... Abades e Bispos continuam como senhores feudais. O ritual da Igreja mantém características do feudalismo. Assim a ordenação sacerdotal continua a ter o tom da vassalagem. A Igreja, aliás, reage mal à mudança social em curso. Ela considera

perigosas, revolucionárias, contrárias à obediência a Deus e diabólicas, a liberdade associativa e as aspirações das comunas. A hierarquia se une aos ricos perdedores do feudalismo decadente, e forma com eles um forte bloco conservador. Evidentemente irrompe na sociedade um ferrenho anti-clericalismo.

Reação dos Leigos/as. Entre os leigos há, com sementes que vêm dos primeiros séculos do cristianismo, grupos reacionários ao modelo de "poder e riqueza", que domina a Igreja medieval. **Grupos de Evangelismo Leigo** congregam muitos adeptos. Citamos dois deles: os Cátaros ou Albigenses (os puros), rigoristas, de origem maniqueísta, (sistema religioso babilônico, com fortes influências judaicas e cristãs, codificado por Mani, entre 220-240 dC), que se baseia na crença em dois deuses: o do bem e o do mal); os Valdenses formam um movimento de leigos pobres por opção evangélica, que se autodenominam "Os Pobres de Cristo". Eles são do final do século XII, surgidos em Lião, França, fundados por Pedro Valdés, por volta de 1179, para combater os cátaros. Nos seus começos os Valdenses são ortodoxos. Entretanto não são aceitos pelo fato de lutarem pela liberdade dos leigos em pregarem a Palavra de Deus e condenarem com métodos violentos o modo no qual vivem a hierarquia e os ricos.

Estes grupos são ferrenhamente perseguidos pela hierarquia e pelo poder civil e, neste choque, acontecem exageros. Líderes dos movimentos populares incorrem em erros doutrinários e disciplinares e o Papa Lúcio III, em 1184,

condena os Valdenses e todos os demais. Mas estes movimentos de leigos pobres pregadores, mesmo condenados, são de fundamental importância na evolução da Igreja em fins do século XII e no decorrer do século XIII. Destaque-mos duas de suas prioridades:

a) A **primeira prioridade** é, para estes leigos, à **Mendicância**, isto é, sobreviver através da humilhação do pedir esmolas, como um meio por excelência de viver a radicalidade do seguimento de Jesus, que optou por nascer pobre, viver pobre no meio dos pobres. A opção pela pobreza vem de uma leitura da vida de Jesus, que os convence sobre a impossibilidade de verdadeira fidelidade à fé cristã sem a pobreza radical, assumida como opção evangélica.

b) A **segunda prioridade** é o **estudo e a pregação das Escrituras Sagradas como direito divino também dos leigos e das leigas**. Eles reivindicam o direito de, também eles e não só a hierarquia, estudar e pregar o Evangelho. Apenas um exemplo para ilustrar esta reivindicação. Arnaldo de Bréscia (1155), fundador de outro grupo considerado herético, os Arnaldistas, em sua "*Manifestatio*", no parágrafo 3º, diz expressamente, que os leigos têm direito e dever de pregar, e que a hierarquia não pode proibi-los disso. Ele afirma que *a autorização para esta pregação advém da vida austera, pobre e humilde dos pregadores não tonsurados (não clérigos)*. *E que é o próprio Espírito Santo que os move e envia para o apostolado da pregação.*

3.3. Mendicantes, inovação

É neste contexto social e eclesial, que vai surgir o novo ciclo da Vida Consagrada, denominado *Vida Consagrada ou Vida Religiosa Mendicante* (Franciscanos, Dominicanos, Servitas, Carmelitas). É **inovação** na Vida Consagrada e não *reforma* de um estilo, o Monacal, que, na época, estava realizando sua reforma interna. Trata-se de um novo paradigma para a Vida Consagrada. E isso acontece no auge da teocracia papal, de plenos poderes temporais, com Inocêncio III, colocado efetivamente como lugar-tenente de Deus, "dono do mundo", e que legaliza a estratificação social da época como sendo da vontade de Deus. Dos Mendicantes destaquesmos duas figuras marcantes:

a) **São Domingos de Gusmão** (1170-1221), nascido em Caleruega, Espanha, de família nobre, opta pela vida sacerdotal. Funda, em Tolouse, França, em **1209**, a **Ordem dos Padres Pregadores**, cujos membros devem unir em si, grande conhecimento da doutrina, arte de pregar e testemunho de vida pobre. Os dominicanos devem ser esmoles, sem bens pessoais nem coletivos, sem conventos, mas morando em casas no meio do povo, pois são pregadores populares e, para este ministério, devem estudar muito. A Ordem é aprovada por Honório III, e confirmada pelo Concílio Lateranense IV, em 1215. Mas, em breve os Dominicanos entram nas Universidades, passam a conviver com os estudantes e a alcançar fama como professores e teólogos, a ter sucesso...

b) **São Francisco de Assis** (1181-1226). Nascido em Assis, de família rica, aos 24 anos se converte. Faz-se leigo penitente e mendicante, dedicando-se aos pobres e doentes, morando numa capela abandonada e em ruínas. Ali, durante uma meditação, percebe o caminho a seguir na Igreja.

Ele denomina sua organização, fundada, em Assis, Itália, em 1210, de **Frades Menores ou Irmãos Menores**. Além de ser uma atitude de humildade o considerar-se "menor" na Igreja, revela, sem diretamente condenar, que a hierarquia e os cristãos ricos e poderosos são "maiores". A proposta de Francisco é: *paz e bem, fraternidade, pobreza, pregação*. Para ele, viver literalmente a fraternidade e a pobreza, segundo o Evangelho, é fundamental para a eficácia da pregação da Boa Nova de Jesus, dando-lhe o suporte do testemunho, e com coisas práticas da vida segundo o Evangelho. Não quer convento nem posse de bens. O êxito do caminho proposto por Francisco é inesperado. Em poucos anos a Ordem dos Frades Menores cresce e se espalha pela Europa toda

c) **Santa Clara**. Sob direção de Francisco **Clara de Assis** (1193-1253) funda a Ordem das Clarissas (Segunda *Ordem Franciscana*). Ela é ciosa da autonomia feminina, mas não ousa romper as barreiras da clausura, obrigatória para qualquer tipo de organização possível, na época, de Ordem Religiosa para mulheres.

d) **Ângela de Foligno**. Pouco depois surge a *Terceira Ordem*, formada somente por leigos e leigas. Membro desta última, que se destaca no século XIII, é a místi-

ca **Ângela de Foligno** (1248-1309). Após a morte do marido e dos filhos, ela muda radicalmente da vida frívola em que vive, entra na Ordem Terceira Franciscana, faz os votos religiosos sem ingressar em nenhuma Ordem Religiosa. É considerada a "mestra dos teólogos".

3.4. Características dos Mendicantes

O movimento mendicante, que assume a perspectiva penitencial, muito em voga na época de sua origem, centra-se na exigência de *conversão evangélica* ao seguimento radical, mas livre e alegre, de Jesus. Acentua algumas passagens do Evangelho que adquirem preponderância em linha espiritual e apostólica, tais como as Bem-aventuranças, e as recomendações quanto ao seguimento radical do Senhor, os Conselhos Evangélicos (cf. Mt 5,1-7.27; 10,5-42; Mc 1,14-15; Lc 10,1-20). Tem como paradigma de *fraternidade*, a Comunidade de Jerusalém: fraternidade (fratres, frades, freis, irmãos), com partilha total dos bens (produção e uso), oração pessoal e em comunidade, mas também, com o povo. Inspira-se no estilo *peregrino* de viver, a exemplo de Jesus e dos Apóstolos, especialmente Paulo. Opta pela *pobreza* e pelo *serviço aos mais pobres*. Propõe-se a conversão dos hereges, dos mouros e, também da própria Igreja ("reconstrói a minha Igreja", diz Jesus Crucificado, na velha Igreja de São Damião, a Francisco de Assis, em 1205).

À diferença do monaquismo, os mendicantes não adotam a segurança

dos mosteiros, que pelas rendas e pelos benefícios acumulados foram se enriquecendo. Os mendicantes situam suas *casas ou conventos*, propositadamente, nas periferias das cidades ou dentro delas, mas *à margem do poder*, para testemunharem com a vida concreta humilde, alegre e despojada, o Evangelho e a proposta de um cristianismo, que busca a autenticidade através da simplicidade evangélica. Indiretamente denunciam a manipulação do cristianismo pelos poderosos e donos do dinheiro.

A pobreza é um corte radical com o modelo anterior de Vida Consagrada. Mas a ruptura acontece também em nível organizacional, com o fim do paternalismo abacial, substituído pela *fraternidade comunitária* e pelas *eleições periódicas* dos coordenadores, bem ao estilo das novas corporações e associações do povo. Em relação aos estudos dá-se prioridade à Sagrada Escritura e se valoriza muito a espiritualidade, o estudo da teologia e da filosofia, especialmente dos filósofos gregos, como Aristóteles. E neste ponto se destacam os dominicanos.

Domingos, desde o começo, quer sua *Ordem como clerical* e fortemente voltada para o estudo da filosofia e da teologia, para dar firmeza e segurança na pregação. O intuito de Francisco, porém, é de estabelecer uma *Ordem somente de leigos*, pobres e em fraternidade, para a peregrinação evangelizadora. A Igreja, na época, no entanto, marcada pela teocracia papal, está por demais clericalizada, e ele não consegue dar prioridade a esse propósito laical, pois vários membros da Ordem optam pelo sacerdó-

cio. E seu sucessor, São Boaventura, clericaliza, de vez, a Ordem Franciscana.

3.5. Decadência dos Mendicantes e reformas

3.5.1. Crescimento e ousadia

Aos poucos os Mendicantes, conaturais com a nova sociedade em gestação, passam a ser aceitos e valorizados como conselheiros dos novos donos da situação, nos burgos e dentro das cidades. Assessoram as comunas, são capelães de confrarias e corporações, e como os Dominicanos e os Monges, entram no mundo da Universidade. Os Frades Menores, em breve, tornam-se uma potência no mundo e dentro da Igreja. O mesmo acontece com a Ordem Dominicana. Cresce e se torna, também ela, uma potência, sobretudo no nível da cultura. É na onda das "Sumas de Teologia", em voga na época, o dominicano **Santo Tomás de Aquino** (1225-+1274), torna-se a expressão máxima nesta tarefa. Entre os franciscanos destacam-se, também, vários teólogos, como o próprio **São Boaventura** (1218-1274).

3.5.2. Europa em crise e Igreja em crise

Mas o cristianismo medieval já na época de Inocêncio III, entra em crise, pois o poder temporal não aceita o absolutismo papal, fazendo surgir forte movimentação pela independência dos poderes civis em relação à hegemonia da hierarquia. Surgem os Estados Nacionais Independentes. A repressão a possíveis heréticos cria tensões internas

na Igreja. O Papa Gregório IX (1227-1241) estabelece a Inquisição Papal, com o objetivo de impedir desvios doutrinários, morais e sociais.

A situação da Europa é, em geral, péssima. De 1337 a 1453, acontece a guerra dos cem anos, entre França e Inglaterra, acelerando a ruptura da unidade européia e, durante a qual, a Inquisição sacrifica Joana d'Arc (em 1431). Em 1348 eclode a *peste negra*, que devasta a população em todos os países. Por toda parte bandos de salteadores invadem propriedades e roubam o que podem. O povo, já dominado pela pobreza, abandona o espiritual, exploração pelos príncipes, ânsia e angústia, cai em formas patológicas de religiosidade, exploradas por líderes inescrupulosos, espalhando profecias sobre o fim do mundo. Cresce a venda de vários tipos de relíquias, para proteção. Mas são falsificadas. A peste negra exaspera o medo do demônio e do fim do mundo.

Irmãs Celitas. Entre as muitas iniciativas de ajuda sincera ao povo pobre e abandonado, têm destaque, neste contexto as Irmãs "Celitas" (*Sorores in Cela*), moças que vivem ao estilo de religiosas, não enclausuradas, mas em pequenas cabanas ou celas, próximas a uma capela e atuando no meio do povo. Elas são de 1308, de Colônia, Alemanha. Conseguem proteção direta do papa Gregório IX, com um documento de 02 de dezembro de 1337, para impedir que fossem incompreendidas e perseguidas pelos inquisidores, ferrenhamente caçadores de bruxas. Historicamente elas constituem a semente de um novo tipo de organização

da Vida Consagrada para as mulheres, sem a clausura, no meio do povo pobre.

O Renascimento. É importante destacar ainda, neste complexo contexto, a importância do Renascimento. Tendo surgido na Itália, por volta de 1250, torna-se, um movimento, que aos poucos vai se espalhando e penetrando na cultura da Europa. Ao colocar a pessoa humana no centro dos interesses (humanismo) e como um ser de possibilidades quase ilimitadas, abrem-se perspectivas imensas para a arte, a filosofia, a literatura, a política e para a fé. Mas o Renascimento é, também, um espaço aberto e livre para pessoas fazerem outras leituras, até mesmo anticristãs e anti-humanistas da política, da moral, da arte, da literatura, como o revela a História.

3.5.3. *Vida Religiosa em crise em busca de novos caminhos*

No decorrer deste longo, criativo e tormentoso período do século XI ao século XVI, os Mendicantes, (Dominicanos, Franciscanos, Carmelitas, Mercedários e outros...), aos poucos se afastam do ideal primitivo e, com isso, vem a decadência destas Ordens, especialmente por causa do dinheiro e do poder. Há reações internas e as reformas vão acontecendo, à semelhança do que ocorreu com o Monaquismo, na proposta de uma volta ao radicalismo das origens.

Mudanças na sociedade. Nos séculos XV e XVI o mundo religioso, político e científico passa por convulsões em todos os sentidos. Grandes mudanças estão acontecendo, e de modo acelerado, com a crescente influência das

Universidades, da filosofia, da teologia, das artes, da política, das ciências e das viagens. É preciso destacar que a invenção da imprensa por Gutenberg, em 1452, facilita a divulgação das idéias em livros, e outros materiais impressos. A hierarquia da Igreja reage e tenta controlar o que é publicado, colocando numa lista especial os livros proibidos para a leitura dos fiéis, o Índice

dos Livros Proibidos (*Index Librorum Prohibitorum*).

A Vida Consagrada, existente no modelo monacal e no modelo mendicante, é perpassada pela mudança civilizacional, que está acontecendo no Ocidente cristão. E algo novo está para nascer, também, para a Vida Consagrada, neste complexo contexto do século XVI...

4. DO SÉCULO XVI EM DIANTE: OS RELIGIOSOS DA "DIACONIA"

4.1. Contexto histórico das origens das Congregações da Diaconia

4.1.1. Situação da Europa

Nos séculos XV e XVI, acontecem mudanças profundamente significativas, em todos os níveis, no Ocidente. Algumas delas aprofundam o que vem vindo dos séculos anteriores. Muitas destas mudanças afetam diretamente o cristianismo e são decisivas para a história do mundo ocidental, dali em diante. No campo das ciências há descobertas, que são fundamentais para as mudanças que vão acontecendo entre o século XV e o XVI: a) a bússula; b) a imprensa; c) o relógio mecânico; d) a artilharia; e) o alambique; f) o bicho da seda; g) a sela de montar, h) a terra como globo e não mais como plana e reta e... i) a comprovação de que a terra gira em redor do sol e não o sol ao redor da terra; j) e, sobretudo, a descoberta da América.

4.1.2. Situação da Igreja

A Igreja vive uma forte crise generalizada. Há corrupção na hierarquia,

como é o caso de Alexandre VI, da influente família Borgia. É ele, no caso do conflito entre Portugal e Espanha por causa da posse da América Latina, o Papa do "Tratado de Tordesilhas". E, por toda parte, desponta um imenso clamor por reforma. O povo, abandonado pela hierarquia, muito envolvida com poder, arte e política, está mergulhado na religiosidade popular devocional, na superstição e no medo. Leão X se ocupa da construção da Basílica do Vaticano e, precisando de dinheiro prescreve indulgências para quem ajudar na monumental obra. Aparecem líderes e grupos intentando reformas na Igreja. Um deles é Jerônimo Savanarola (1452-1498), dominicano, muito forte em suas críticas à hierarquia da época. Processado e condenado pela Inquisição, morre enforcado e queimado, como herege e difamador da Santa Sé.

4.2. Igreja em reforma

4.2.1. Padre Martinho Lutero

O Padre Martinho Lutero (1483-1546), na Alemanha, se revolta com tudo

o que está acontecendo e inicia a grande ruptura do Ocidente cristão do século XVI. Mas outros líderes estão na mesma direção. Assim, na Suíça, Ulrich Zwinglio (1484-1531) e João Calvino (1509-1564) e na Inglaterra Henrique VIII (+1547). Estas rupturas, de cunho religioso, dão margem a outras mais, tanto no campo da cultura como da política. Os príncipes alemães, aproveitam a liderança de Martinho Lutero e se opõem ao poder político de Roma, livrando-o, assim, da inquisição.

Martinho Lutero, no dia 31 de outubro de 1517 divulga suas 95 teses de crítica aberta e corajosa à maneira como a hierarquia governa a Igreja. Sua tese central é a relação entre fé e obras no processo de salvação, defendendo que a salvação se dá por graça (gratuidade) e fé e não pelas obras. Não há mérito humano que ajude a salvar, mas a pura misericórdia do Senhor. Ele coloca a Sagrada Escritura como autoridade suprema da fé, e propugna pela interpretação pessoal livre das Escrituras (livre arbítrio). Contesta o poder de Roma e o modo como os Papas governam. A atitude de Lutero entusiasma muita gente, e sua reforma se expande com grande rapidez.

4.2.2. A "Devotio Moderna"

Neste contexto de busca de reforma da Igreja há muitas manifestações. Assim, por exemplo, a "Devotio moderna", com importante presença no meio do povo, especialmente entre 1380 a 1550. Fundada por Geert Grote (1340-1384) a Devoção Moderna, é um movimento laical, que se apóia em grupos de "Irmãos

e Irmãs de Vida Comum", com uma forte espiritualidade: vida de oração interior, leitura partilhada da Sagrada Escritura, devoção à paixão de Jesus, dedicação a obras de misericórdia. Deste movimento nascem a Congregação dos Cônegos Regulares (em Windesheim, 1387) e o vademecum "Imitação de Cristo" (de Tomás de Kempis (1391-1471).

4.2.3. A reforma católica

A Igreja Católica, após inúmeras dificuldades, se congrega no Concílio de Trento (1545-1563), no pontificado de Pio IV, e sob coordenação do jovem São Carlos Borromeu. Num longo período (18 anos), com várias interrupções, até de muitos anos, a Igreja inteira é revista, avaliada. O Concílio determina uma grande reforma da Igreja, a mais plena possível, em seus pontos fundamentais de doutrina e disciplina, buscando a afirmação da identidade católica face aos cismas. É, portanto, um Concílio de Contra-reforma, cujos decretos foram executados, em grande parte, pelo Papa São Pio V (1504-1572): missal, seminários, catequese, etc. Acontecem, logo depois, as prolongadas guerras religiosas entre católicos e protestantes, e protestantes entre si.

É neste complexo contexto de mundo europeu em ebulição e de Igreja em reforma, que, também, a Vida Consagrada faz a sua revisão, destacando-se, por exemplo, os grupos "observantes", os "cleros regulares" mas, sobretudo, os *Mendicantes* como cima já citamos, e entre eles a grande reforma do Carmelo por Santa Teresa de Ávila (+1582) e São João da Cruz (+1591).

4.3. Inovação: Vida Religiosa da Diaconia

Mas o que mais se destaca é, algo mais que reforma, uma **novidade** em relação aos modelos *monástico e mendicante*, como referenciais para a Vida Consagrada, até então. As novas Congregações, que nascem, e dali em diante se multiplicam, colocam para os seus membros, a ênfase no **serviço apostólico da caridade (a diaconia)**, seja para dentro da Igreja, como pregação, catequese, missões fora da Europa, seja fora da Igreja, no campo social, como educação, assistência hospitalar, atendimento a crianças órfãs e a idosos, e em novos campos, como as ciências.

A Missão. A situação sócio-econômica e as novas descobertas exigem novo enfoque na missão da Igreja e isso provoca, além de uma readaptação dos Mendicantes e mesmo do Monaquismo, o surgimento de um novo tipo de organização da Vida Consagrada. Há uma aguda consciência a respeito de necessidades humanas muito concretas, provocadas pela caótica situação social, econômica e religiosa, pelo humanismo (Renascimento), e pelas grandes descobertas, sobretudo ultramarinas.

a) **O serviço da caridade.** Surgem então Congregações Religiosas para serviços bem específicos de atendimento às necessidades concretas das pessoas, como por exemplo, os doentes com S. João de Deus (1495-1550) e S. Camilo de Lelis (+1614); os sacerdotes desamparados e dispersos, com os Oratorianos de S. Felipe Neri (1515-1595), e os Teatinos Regulares, de Caetano (1480-

1547) e Caraffa. Caetano de Thiene, além de trabalhar na formação do clero, dedicou-se completamente aos pobres, abriu asilos, fundou hospitais. A educação aparece, na época, como um meio-chave, para possibilitar a redenção da Europa

b) **Inácio.** Mas a maior expressão destes grupos *diaconais* (Vida Religiosa para serviços apostólicos diversos) é **Inácio de Loyola** (1491-1556). Percebe, com agudeza de espírito, a situação de sua época. Ao seu redor vai se criando um grupo de amigos que se autodenominam "Soldados de Cristo", que buscam a maior glória de Deus. Aos poucos com os amigos funda a Companhia de Jesus, em 1534, com finalidade preponderantemente apostólica. A estruturada corporação de homens, bem preparados e disponíveis, à disposição da Igreja, especialmente do Papa, e que é aprovada por Paulo III, em 1540, e suas Constituições em 1558, tem um sucesso imenso.

Os Jesuítas constituem a mais clara forma do novo tipo de Vida Consagrada, com ênfase na "diaconia". Estão em diversos serviços como escolas, universidades, hospitais, paróquias, púlpitos, missões sem fronteira, assessoramento a Bispos e príncipes, pregam retiros, organizam associações de leigos. São filósofos, professores, cientistas (astrônomos, matemáticos...) e são teólogos... Esta polivalência competente e entusiasta atrai a juventude sedenta de chances. Os Jesuítas crescem e se espalham.

Trata-se de uma Vida Consagrada para o Apostolado: oração, comunidade, estudo, votos. Tudo está voltado para a eficácia do apostolado. Oração na ação. Oração de discernimento, disponibilidade.

Ajuda ao próximo. O que se quer é a *Maior Glória de Deus*, pela vida de seguimento radical de Jesus (consagração), em comunidade (fraternidade), para o serviço ao próximo (missão), de modo amplo, universal, concreto e em obediência ao Evangelho e ao Papa, em todos os campos.

Congregações da "diaconia". Das três modalidades de Vida Consagrada, a preponderância vai ficar, no Ocidente, com a **Vida Religiosa da Diaconia**, inspirada na liderança de Inácio de Loyola, e na organização dos Jesuítas. E vão se multiplicar às centenas e centenas estes Institutos e Congregações, sobretudo na Europa, e muitíssimas vezes para as mesmas diaconias, especialmente entre as mulheres, que aos poucos rompem, com a clausura a partir deste novo estilo de Vida Religiosa.

Missão "ad Gentes". Assim, por exemplo, a nova terra d'além-mar, hoje, Brasil, é beneficiada pela presença dos religiosos desde a chegada da esquadra de Pedro Álvares Cabral, em 22 de abril de 1500. Franciscanos e Jesuítas abrem caminhos para a Vida Religiosa missionária em terras brasileiras. Muitas outras Ordens e Congregações masculinas e femininas para cá virão. O mesmo vai ocorrer em relação ao Oriente, como Índia, China, Japão...

4.4. A floração da Vida Religiosa da Diaconia

A partir do século XVII, os religiosos de vida apostólica, encontram uma extraordinária motivação na educação, reforçada, posteriormente, com a época da romanização e do Concílio Vaticano I, na segunda parte do século XIX e

é saúde. Em começos do século XX, desponta preocupação com as comunicações sociais. Nesta onda multiplicam-se, de modo extraordinário, como já aludimos Congregações masculinas e femininas, buscando responder aos novos desafios. São, com raras exceções, todas baseadas no esquema da Diaconia, dos Serviços de Caridade e, algumas, também, na "Missão Ad Gentes" e Pregação. Procuram atender à situação de crescente descristianização e às necessidades da Igreja em países ditos de Missão. Não há, porém, inovação.

4.5. Características das Congregações da Diaconia

Resumidamente eis algumas *características destas Congregações de Vida Religiosa Apostólica*, ou Congregações de Vida Consagrada Apostólica: a) são centradas em Roma, em contraposição à ruptura de Lutero e à crescente independência dos países em relação à hegemonia da Igreja católica; b) têm predominância de clero, pela necessidade de contrarrestar o protestantismo com um numeroso e bem preparado clero; c) adotam um estilo aguerrido de pregação e de apostolado face às heresias; d) dão grande atenção às necessidades humanas, serviço de caridade; pois a fé sem obras é morta...; e) organizam-se, quanto à estrutura interna das Congregações, de maneira forte e centralizadora; f) adaptam o estilo de vida dedicada ao trabalho (ensino, atendimento aos enfermos, aos desvalidos, pregações), amenizando e até mesmo

eliminando, por exemplo, o ofício coral, as vigílias noturnas e os jejuns; g) reorganizam a vida comunitária colocando a comunidade, prioritariamente como um meio de apostolado e para torná-lo mais eficaz, indo além da convivência fraternal evangélica...; h) redimensionam o trabalho apostólico em vista de se responder aos novos desafios do mundo, que as ordens monásticas e as dos mendicantes não atendem suficientemente; c) nesta floração de congregações, as femininas são mais numerosas, e se constituem em uma grande vertente do compromisso cristão da mulher, na Igreja e no mundo, como religiosas, mas fora da clássica clausura.

4.6. Vida Religiosa Feminina da Diaconia

Algumas delas merecem destaque, por terem iniciado, com muitos sofrimentos, a libertação da mulher do enclausuramento, a que todas as religiosas eram obrigadas. Citamos apenas alguns casos, iluminadores.

a) **Ângela de Merici** (1470-1540), membro da Ordem Terceira Secular Franciscana, aos 56 anos, em 1535, funda a Companhia Santa Úrsula (Irmãs Ursulinas). As Irmãs não vivem em comum sob um mesmo teto, não têm votos, clausura e nem hábito. Continuam morando com os pais ou parentes. Cuidam de doentes e dos pobres indo visitá-los em seus domicílios; ensinam o catecismo às crianças abandonadas, pregam pelas ruas e praças, e se dedicam à educação de meninas. Mas logo após o Concílio de Trento (1566), com

a Constituição "*Circa Pastoralis*", o Papa Pio V corta tudo e exige que todas as Religiosas façam votos solenes e entrem em clausura. As Ursulinas escapam das normas do Papa, por não viverem em comunidade. Mas o Cardeal Carlos Borromeu interfere e realiza uma reforma da congregação, obrigando as Religiosas aos votos e a todas as normas do Papa. O ideal de Ângela de Merici, porém, vai influenciar outras iniciativas, como a Joana de Lestonac, fundadora da Companhia de Maria.

b) **Regina Prothmann (1552-1613)**, fundadora da congregação das Irmãs de Santa Catarina, em Braunschweig, Polônia, alia a profunda experiência mística e o compromisso no meio dos pobres a serviço dos doentes, das meninas pobres e dos necessitados, em geral: os pobres envergonhados, os doentes mentais, os epiléticos e outros pacientes, que não são aceitos em hospitais. Abre, assim, um caminho novo na Igreja, para a vida religiosa feminina, na diaconia da caridade e da misericórdia, e promove as mulheres por meio da educação escolar.

c) Um caso muito especial é o de **Mary Ward**, século XVII, que funda, na Inglaterra, em 1609, o Instituto da Bem-aventurada Virgem Maria. As Religiosas, segundo Mary Ward, devem ficar sem clausura e terem para si, adaptadas, a Regra de Vida de Santo Inácio para os Jesuítas, mas com autonomia em relação aos Bispos. Em 1631 a Congregação é desfeita por ordem eclesiástica e Mary é acusada como herege e cismática. Sua reabilitação acontece muito tempo depois, no século XX, com os Papas Pio XI e Pio XII.

d) **São Francisco de Sales** (1567-1622), funda em **1610**, na Itália, a Congregação das **Irmãs Visitandinas**, com base na passagem bíblica da Visita de Maria a Santa Isabel. Como o apostolado principal das Irmãs é a de visitar as pessoas, liberou-as do hábito e da clausura. Mas oito anos depois, por imposição da hierarquia, as Irmãs são obrigadas ao hábito e à clausura e assim permanecem até hoje.

e) O caso mais revolucionário é o da congregação das **Filhas da Caridade ou Damas da Caridade** ou Vicentinas, fundada **por S. Vicente de Paulo** (1581-1660) e **Santa Luíza de Marillac**, (1580-1660), na França, **em 1634**. Conhecedores das exigências eclesiásticas, na época, para as Religiosas, eles criam algo novo, mantendo a consagração religiosa, mas sem as vinculações normativas da época. As Irmãs não têm hábito especial nem fazem votos perpétuos ou solenes, a Regra de Vida é mínima e muito flexível. Posteriormente, as Filhas da Caridade se enquadrarão nas rigorosas normas da Igreja, com hábito, conventos, etc. É muito ilustrativo este texto de São Vicente de Paulo:

“Contudo, posto que elas estão mais expostas a ocasiões de pecado do que as religiosas enclausuradas, posto que elas não têm outro mosteiro além da casa dos doentes, por cela uma casa alugada, por capela a igreja paroquial, por claustro as ruas da cidade, por clausura a obediência, por grades o temor de Deus e por véu a santa modéstia... elas devem ter mais virtudes do que se tivessem professado numa ordem religiosa, e estão obrigadas a se comportar,

em todos os lugares onde se encontrarem no mundo, com o mesmo recolhimento, pureza de coração e de corpo, desapego das criaturas e edificação, que devem ter as verdadeiras religiosas no retiro de seu mosteiro”.

Congregações femininas. Estas congregações todas têm **características** comuns: a) são de espírito ativo, para a ação apostólica, sobretudo de caráter assistencial e promocional; b) em geral cada congregação assume um campo social específico; c) algumas Congregações dão prioridade ao caráter missionário “ad Gentes”; d) a vida comunitária está em função da tarefa apostólica; e) todas têm os três votos, e a diferenciação entre elas fica mais por conta de circunstâncias secundárias, devoções, lugar de origem, matizes...

4.7. Não há mais inovação na Vida Consagrada?

Depois de Santo Inácio, em toda a imensa floração de Congregações e Institutos, não há propriamente inovação na Vida Consagrada, mas sim a multiplicação das adaptações do estilo Vida Consagrada Apostólica. São, portanto, restauracionistas do modelo de Vida Consagrada de Diaconia, e pouco proféticas em relação ao contexto global do século XIX e do século XX. Em geral, estas congregações são fortemente marcadas por necessidades imediatas do lugar de onde surgem, por alguma devoção e por personalidades fortes de fundadores/as, na maioria homens, também para congregações femininas.

Institutos seculares. Alguns estudiosos consideram que os Institutos Seculares (aprovados por Pio XII, em 1934), constituem uma inovação, por descartar o estilo tradicional de vida comunitária até ali existente, isto é, sob o mesmo teto. Mas todos estes Institutos assim como as demais congregações se **caracterizam por uma dedicação ostensiva e prioritária ao serviço** (diakonia), nas mais variadas frentes de trabalho, como vimos, tanto de caráter intra-elesial como extra-elesial.

O nivelamento. Atualmente o maior número de congregações conhecidas pelo público são as de caráter diaconal. E as históricas Ordens ligadas ao monaquismo, à contemplação e à mendicância, assimilaram, de um jeito ou de outro, o caráter diaconal. E isso a tal ponto que hoje, com raras exceções, é difícil fazer distinções claras entre os diversos estilos de Vida Consagrada, já que estão muito niveladas pelo serviço diaconal. E isso não deixa de ser um empobrecimento em relação à pluriforme manifestação do amor de Deus, através da Vida Consagrada.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

Estes três ciclos ou eixos da História da Vida Consagrada, trazem numerosas lições para nós hoje. Além de um aprofundamento do que aqui, esquematicamente, foi colocado, importa alguns questionamentos:

1. Que aspectos fundamentais, nos três ciclos da História da Vida Consagrada (*Monaquismo, Mendicantes, Diaconia*), podemos ressaltar para iluminar a refundação da Vida Consagrada, hoje?
2. O que, à luz do atual contexto sócio, econômico, político, cultural, religioso, científico, elesial e, também, da caminhada atual da Vida Consagrada, especialmente a de Vida Apostólica, estaria apontando para uma necessária e histórica refundação da Vida Religiosa, quem sabe, um novo ciclo?

 Irmão Nery, fsc

Cx.P. 320

70.390-970 - Brasília - DF

Um Oceano entre

Dois Mundos

IRMÃ MÁRIAN AMBROSIO, DP

1. Está morrendo a forma civil-religiosa do cristianismo eclesial. Santas e não santas alianças entre o trono e o altar enfraquecem e perdem sua força existencial. E esta morte pode significar a libertação do cativo.
2. Está morrendo o centro europeu do cristianismo. Dentro de, no máximo, 50 anos, três quartos de todo o cristianismo estarão num mundo não europeu. Com esta morte, o cristianismo deve iniciar uma nova fase de crescimento.
3. Está morrendo um cristianismo confessional com suas guerras de fé e suas lutas ecumênicas. Isso nos coloca a caminho de uma nova cultura e de uma nova capacidade de diálogo, sobretudo com as culturas e religiões da Ásia, África e América Latina.
4. Está morrendo a forma hierárquica, monárquica do cristianismo. Despedimos do hierarquismo, no qual uns pensam poder definir a salvação para outros e até estabelecê-la. E iniciamos a era da diferença reconciliada.
5. Está morrendo o cristianismo clerical. Nunca houve tantos leigos e leigas engajados na base do sacerdócio comum de todos os que acreditam na liberdade de ser cristão.
6. Está morrendo o paternalístico e infantil cristianismo centrado nos homens. Finalmente torna-se realidade a visão revolucionária da Bíblia, isto é, a igualdade entre mulher e homem.
7. *Finalmente está morrendo um cristianismo magicamente sacramentalista, que se auto-define como proprietário e administrador de Deus. Estamos vendo nascer um cristianismo verdadeiramente místico.*

(tradução livre e resumida do texto: *Vom Sauber neuen Anfang*, de Gotthard Fuchs, teólogo assessor na Diocese de Limburg, Alemanha). O autor lhe deu o subtítulo de **sete provocações no Espírito de Pentecostes**).

O escrito que segue é um depoimento pessoal. Tem como ponto de partida minha experiência e espera ter como interlocutoras as Congregações Internacionais que, como a minha, tentam construir pontes por sobre um **oceano de diferenças entre a Vida Religiosa na Europa e a Vida Religiosa na América Latina**.

Sou brasileira, religiosa da Congregação das Irmãs da Divina Providência (fundada em Münster — Alemanha, em 1842). Há um ano e meio vivo em Münster, como Conselheira Geral de minha Congregação. E este é o maior limite de meu depoimento. Ano e meio é um tempo curto, e o lugar geográfico é restrito. Apesar disso, aceitei o desafio de partilhar minha experiência, e de dar início a uma contribuição que pode se tornar fecunda, se somada a outras. Porque eu acredito ser possível construir pontes de amor e de solidariedade também por sobre um oceano de diferenças!

O texto com o qual comecei meu depoimento me fez pensar muito. Morrer não é uma coisa fácil. E proclamar a morte assim, numa lista de sete itens, também não é uma coisa fácil. Não é fácil, mas é muito importante. Especialmente se, a essa lista, acrescentarmos outro parágrafo do mesmo autor:

“A lua está na natureza para receber a luz do sol e continuar a irradiá-la, a fim de que nos seja possível uma orientação no meio da noite. Assim possa ser a Igreja para a humanidade. Um meio apenas, para que a luz forte do Evangelho — mensagem do amor de Deus a todos as criaturas — seja irradiada durante a noite da humanidade.

Portanto, o que a lua representa para a natureza, represente a Igreja na sua caminhada histórica. Decisivo nesta imagem: a lua deve morrer em rítmica diminuição, ela deve se submeter a ir até zero, para crescer de novo sob o influxo do sol, a fim de realizar seu serviço de irradiação. Assim também deve acontecer com a Igreja: aceitar morrer em sua forma histórica; ela deve chegar sempre de novo, por assim dizer, a zero para, com o impulso do Evangelho, poder crescer.”

Como no Evangelho de Jesus, a parábola de Gotthard Fuchs coloca uma luz nova sobre a experiência da fé! Porque esse ensinamento do morrer e do nascer da Igreja traz a marca da experiência paschal de Cristo.

Meu objetivo é escrever algumas considerações sobre como experimento a Vida Religiosa na Europa. E a partir dessa experiência, que contribuições percebo como possíveis entre a Vida Religiosa na Europa e a Vida Religiosa na América Latina. Escolhi usar esse começo (que fala sobre o cristianismo e não sobre a Vida Religiosa) porque o achei essencial como contexto. Assim, poderíamos afirmar:

Está morrendo a atual figura histórica da Vida Religiosa para que, sob o impulso do Espírito, possa nascer o novo.

Sinto também a necessidade de esclarecer um aspecto: existe na América Latina uma Vida Religiosa européia — histórica, social e culturalmente transplantada. Ainda hoje! E, porque vou falar da morte da atual figura histórica da Vida Religiosa em alguns lugares da Alemanha, gostaria que ficasse claro desde logo, que pode estar acontecendo

uma mera transição de lugar. Poderia dizer que estejamos deixando viver na América Latina, a figura histórica que já morre na Europa. Por que? Até quando?

Talvez seja essa a primeira contribuição: **vale à pena reter uma figura histórica que foi meramente transplantada?**

E sinto também a necessidade de acrescentar dois testemunhos:

Primeiro:

Numa tarde de domingo, encontrei Cristina, uma co-irmã alemã, na estação ferroviária de Münster. À minha pergunta sobre se também iria viajar, respondeu: — não, eu trabalho aqui, como voluntária, com os sem-teto que moram nesta estação. E eu pensei: estou no Brasil! E Cristina também!

Segundo:

Uma noite, ao voltar de uma reunião, ganhei carona de uma jovem senhora, casada, mãe de duas crianças, também ela de Münster. Num determinado ponto da cidade, ela me disse: — ali naquela esquina vive uma mulher pobre, que não tem casa. Ela se abriga do frio perto da saída de calor do aquecimento da fábrica ao lado. Até o ano passado, ela era ajudada por um grupo de freiras. Agora o convento fechou por falta de freiras, e meu grupo vai cuidar da mulher. E eu pensei: o novo está chegando!

Talvez seja essa a segunda contribuição:

A Europa é um lugar qualquer. Lá podemos experimentar uma Vida Religiosa viva e atual, e lá podemos experimentar a morte de um modelo para que se possa ver o novo que está surgindo.

De um jeito muito simples, poderia dizer que a Vida Religiosa na Europa respira com dois pulmões em dois ritmos distintos:

O primeiro pulmão respira preparando-se para deixar morrer o que estamos chamando de atual figura histórica da Vida Religiosa. Este pulmão respira rápido, num compasso acelerado.

O segundo pulmão respira introduzindo o novo do Espírito. Esse pulmão respira lentamente, mas sem interrupção, soprando vida no que antes era um sonho.

E o que de mais rico se pode observar é que, ao preparar-se para fechar as portas, o velho modelo acredita e investe no nascimento do novo. E isso me faz lembrar uma frase que ouvi de Irmã Ana Roy: *a Vida Religiosa é muito mais que sua figura histórica!*

E assim começa meu aprendizado:

- a) Acho que, com certo simplismo que reconheço, dá para afirmar que a figura histórica que morre foi construída sobre o que chamamos de **obras, atividades apostólicas**, como colégios, hospitais, creches, conventos;
- b) Acho que, também com certo simplismo, dá para dizer que a nova figura histórica que está nascendo, se constrói a partir de pequenos grupos que **dão corpo a uma nova utopia**.

Quero exemplificar:

- a) Os passos sistemáticos que foram ou estão sendo dados por Congregações que falam em fechar as portas podem ser assim descritos:
 - Confiar o trabalho apostólico àqueles e àqueles que estão preparados para exercê-lo.

- Não mais buscar vocações para o sustento dessas atividades.
 - Vender, doar ou transformar grandes propriedades e grandes obras.
 - Resgatar e registrar a história da Instituição, como testemunho para outros tempos.
 - Intensificar a partilha do Carisma e da Espiritualidade com leigos e leigas.
 - Garantir acima de tudo a vida feliz dos e das atuais co-irmãos e co-irmãs.
 - Incentivar o surgimento de novas formas de Vida Consagrada.
- b) Os passos sistemáticos que foram ou estão sendo dados por pessoas ou grupos que pensam e falam sobre uma nova forma de viver sua Consagração:
- Deixar morrer o velho modelo, não transplantá-lo.
 - Identificar a utopia: o que Deus está pedindo hoje?
 - Reunir-se, alimentar juntos essa utopia. Dar rosto a um novo sopro do Espírito!

Ouvi falar especificamente (estou reunindo textos) sobre três grupos assim, mas sei que há muitos na Europa. São pequenos, são como sementes. Há um grupo crescendo em Amolfi, no Sul da Itália. Há um grupo muito próximo à minha Congregação, na Holanda. Se chama Scala. E estou lendo um livro que tenta descrever a terceira iniciativa, essa na Alemanha. A fundação se denomina: **aldeia de Deus**. Sua mística pode ser descrita como **o espírito de não machucar, de não ferir**. O grupo é ecumênico e misto, e sua principal

atividade consiste em tentar **recriar um pedaço de terra, reconstruir um lugar, um endereço para a vida**. Ecologia, beleza, simplicidade, fraternidade, comunidade, amor, humanidade, criação, são as palavras que leio em cada página do livro (**Aufruf zu einem neuen Orden, Gemeinsam für die Schöpfung — gegen Ohnmacht und Resignation, Claus Eurich, Kreuz Verlag, Stuttgart**).

Já disse que não conheço pessoalmente nenhuma iniciativa destas, mas não há como negar: este novo encanta. É como ver nascer um novo corpo temporal para um Carisma que é eterno. A isso eu chamo de **esterilidade fecunda**. Porque a esterilidade também foi lugar da preferência de Deus, como em Sara, Raquel, Ana, Isabel e Maria.

Ouso concluir essa parte afirmando que este momento da Vida Religiosa na Europa tem algo a nos ensinar. Em minha experiência no Brasil (essa sim longa e intensa) aprendi o quanto é difícil ver nascer o novo sem permitir que o velho morra. Sonhamos com o novo da Vida Religiosa mas, em muitas e repetidas situações, continuamos formando as gerações jovens para a manutenção da velha estrutura.

Passo agora, com orgulho e alegria, a partilhar alguns aspectos com os quais a Vida Religiosa do Brasil contribui para a Vida Religiosa na Europa.

Gostaria imensamente de conhecer o número de religiosas e religiosos brasileiros presentes em lugares de liderança das Congregações na Europa!!! Não sei, e nem sei como fazer para ficar sabendo! Mas isso não importa agora.

O que importa é que temos, sim, uma rica contribuição a dar, e que a estamos dando. Na primeira parte deste depoimento, afirmei que há uma Vida Religiosa européia transplantada para o Brasil. E é verdade. Mas é também verdade que há uma Vida Religiosa brasileira, com corpo e alma próprios, inculturada, e em processo de refundação. E essa Vida Religiosa tem uma grande contribuição a dar, não somente para a Europa ou para a Igreja Universal, para o mundo.

Somos uma Vida Religiosa que resgata corajosamente sua identidade carismática original, enraizada no Evangelho e na realidade de nosso povo. Somos uma Vida Religiosa com personalidade, que ocupa o lugar que sua identidade lhe confere, caracterizando-se pelo carisma do testemunho profético e solidário junto à Igreja — povo de Deus, e junto ao mundo.

Neste momento da história, a Vida Religiosa no Brasil se desafia a si mesma, podendo então desafiar outras, através do processo que chamamos de **refundação**. Desde a experiência de fronteira, de deserto e de periferia, escolhemos ir às raízes. Desde as experiências de militância de direita e de esquerda, estamos buscando ir ao profundo.

Na minha experiência concreta de agora, isto é, vivendo uma Vida Religiosa de rosto brasileiro em terra alemã, destaco alguns traços fundamentais da contribuição desta Vida Religiosa:

Espiritualidade Bíblica

A Vida Religiosa no Brasil encarnou um jeito de rezar a Bíblia, e esse jeito

de rezar a Bíblia passa a caracterizar a vida toda. Esse é nosso conceito de espiritualidade. Por ser vida, esse jeito invadiu e converteu nossas formas de oração, nossa metodologia, nossos encontros de comunidade, e a forma de fazermos apostolado. Os anos de implantação e de consolidação dos **Projetos Palavra-Vida e Tua Palavra é Vida** deram rosto à nossa espiritualidade. E eu não escondo o orgulho ao ver nossos livros serem traduzidos para a língua italiana, a espanhola, a holandesa, a alemã. É possível que haja outras mais. Na Alemanha, essa contribuição é bem aceita, principalmente por seu nascimento de raiz ecumênica. O CEBI (Centro de Estudos Bíblicos) é conhecido e reconhecido. Multiplicam-se os grupos que se reúnem para ler e rezar a bíblia do nosso jeito!

Neste ano e meio após o Capítulo Geral de minha Congregação, ouço sempre de novo um termo assim: **espiritualidade bíblica da gratuidade!** A palavra **gratuidade** vem pronunciada em português, e vem carregada da compreensão forte de outra palavra que é pronunciada em português: **partilha**. Traduzir essas palavras significa empobrecer seu conteúdo. Ambas nasceram de nossa experiência de êxodo. E ambas nos falam de um Deus — Aquele que é — simplesmente presente. Deus é nossa recompensa. Assim nos ensinaram os pobres, com quem aprendemos a ler a Bíblia!

Além disso, sempre mais estamos podendo desenvolver programas de formação em projetos internacionais que alcançam África e Ásia, utilizando o **metodologia bíblica**, do jeito que fazemos

no Brasil. E vale dizer que a experiência tem sido aceita e valorizada.

A inserção de Religiosas e Religiosos junto ao mundo dos empobrecidos

Se perguntamos às pessoas, na Europa, o que ouvem ou o que sabem, ou o que admiram sobre a Igreja, ou sobre a Vida Religiosa no Brasil, a resposta vem imediata: o compromisso com os pobres.

Essa é a característica nossa que atravessou fronteiras. Uma das maiores riquezas que a Vida Religiosa do Brasil testemunha para o mundo é a **Vida Religiosa inserida**. Esta é uma experiência profunda do seguimento ousado e radical de Jesus Cristo que, em nossa terra, encontrou fecundidade.

É também a característica que contagia, que faz com que religiosos, religiosas, sacerdotes, leigos e leigas da Europa venham viver e atuar no Brasil. Ou que movimenta milhares de círculos de leigos e leigas alemães que nos estendem a mão através de gestos concretos de apoio financeiro.

É essa característica que mantém viva a Vida Religiosa no Brasil. Sem dúvida, os pobres são o nosso despertador. Eles mantêm desperta em nós a consciência de que vocação ao seguimento de Jesus é, para nós, adesão ao projeto de Jesus. Os pobres são para nós, a certeza de que Deus continua a precisar de nós sim. Muito antes de pensarmos em morrer como Vida Religiosa, precisamos acelerar a morte da miséria de nosso povo.

Sem alongar esse discurso tão nosso, gostaria de apontar outro aspecto com

o qual testemunhamos algo de novo: é no meio dos pobres que se realiza o **real processo de inculturação da Vida Religiosa no Brasil**.

Para além da reflexão teórica, a inculturação da Vida Religiosa é um processo feito na prática da inserção e na prática da fé. Foi na inserção, e foi nas frentes missionárias, foi no contato cotidiano com a pobreza, a discriminação e o preconceito, que a Vida Religiosa inserida e missionária descobriu a diversidade e a beleza dos rostos dos pobres. Ao deslocar-se para a periferia dos pobres e para a fronteira da missão, lá encontramos Deus. Lá já estava Deus, fiel em sua opção preferencial, a chamar, a conquistar um contingente jovem de vocacionados e vocacionadas negros e indígenas, que hoje nos ensinam a sermos também ecumênicos, também ecológicos, também alegres, também simples, também inculturados.

A capacidade de entusiasmar

Isso é também o que eu ouço na Alemanha. Nós, brasileiros e brasileiras temos ainda a capacidade de entusiasmar, de convocar. De viver a vocação à alegria. Somos capazes de rir e de chorar pelos mesmos motivos. Sabemos dançar a festa e sabemos dançar a dor. Fiquei eu mesma entusiasmada, quando percebi que a palavra **entusiasmo** em língua alemã se diz **Begeisterung**. No feminino, assim: **die Begeisterung!** **Geist** em alemão é Espírito. **BeGEISTe-rung** lembra então a ação do Espírito no meio de nós e de nosso tempo. Como em Pentecostes.

Eu não posso deixar de lançar um olhar ao Jubileu do Juniorado, realizado em Goiânia no início de novembro passado. Foi uma festa da Vida Religiosa do Brasil.

Lá estive o **Futuro** da Vida Religiosa. Lá estive a Vida Religiosa em sua **diferença cultural**. Lá estive o **entusiasmo**.

Com a esperança dos pobres, com a riqueza do multicultural, com o colorido, a beleza, o canto e a dança, podemos sim alimentar o sonho da fraternidade universal. A alegria dos tambores, o riso alto e solto nos momentos em que nos encontramos, os abraços calorosos são nossos, são brasileiros.

E como esse item pertence ao Espírito Santo, quero lembrar que na Vida Religiosa do Brasil cabem todos os Carismas, cabem todas as Congregações, de todo o mundo: da Europa, da Ásia e da África (em Goiânia não havia como saber que dois jovens irmãos lassalistas que sambavam conosco eram moçambicanos! — isso não é lindo?)

Ao encerrar meu depoimento, resta dizer que há muito, muito mais material para a construção dessa ponte sobre um oceano de diferenças.

Lembro por exemplo que podemos aprender da Vida Religiosa alemã, como nos colocar cara à cara com a secularização. Podemos aprender a firmeza (acho que posso dizer dureza) com que se pode enfrentar estruturas injustas. Podemos aprender a não contornar crises. Podemos aprender a bem administrar bens e dons, a respeitar a natureza, e assim por diante.

E não foi por acaso que escolhi uma forma trinitária de redigir meu depoimento sobre a contribuição da Vida Religiosa brasileira:

Gratuita presença do Pai, Encarnação ousada do Filho, Entusiasmo realista do Espírito. Porque é esse “amor de comunidade” que refunda nossa Consagração.

E que a mensagem final com a qual podemos presentear a Vida Religiosa do lado de lá da ponte, seja esse nosso jeito de viver a espiritualidade que nasce do compromisso diário com a vida do nosso povo. O ponto de partida de nossas reflexões e o ponto de chegada de nossos projetos serão sempre a nossa realidade.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. Como sua comunidade vive a dimensão da internacionalidade e da pluralidade?
2. No seu contexto, quais são as principais contribuições que a Vida Religiosa do Brasil pode oferecer às comunidades da Europa?
3. Como continuar construindo pontes através das diferenças culturais e sociais?

 Irmã Márian Ambrosio, dp
Neubrückenstr.22
D-48.143 – Münster – ALEMANHA

Ser Igreja HOJE **Ser Igreja HOJE**

Reflexões também para religiosos/as **Reflexões também para religiosos/as**

PE. JOSÉ COMBLIN

1. HOJE

No título a palavra importante é "hoje". Não adianta repetir sem fim fórmulas tradicionais tiradas de manuais de eclesiologia. Não adianta repetir a Lumen Gentium. Pois a Lumen Gentium foi um escrito do seu tempo. Foi uma juxtaposição mais ou menos compreensível de temas bíblicos e patrísticos de um lado, e de temas canônicos apoiando as instituições existentes, por outro lado. O texto é o resultado de um compromisso elaborado a duras penas nas comissões conciliares entre biblistas e canonistas, entre progressistas e conservadores. Houve pouca ou nenhuma consideração da realidade concreta da Igreja. Naquele tempo ainda prevalecia o medo de conhecer a realidade e o apego supersticioso dos teólogos à letra, mais do que à realidade, sem citar o medo dos bispos de provocar uma divisão entre eles. Tudo isso para dizer que não podemos partir de um texto passado muito marcado pela data de redação. A palavra importante é "hoje". Como ser Igreja hoje?

Hoje, estamos mergulhados numa cultura individualista, super-individualista. Todos os meios de comunicação e os bens culturais divulgam uma cultura individualista que penetra em todos os rincões da realidade. Os próprios religiosos se deixaram penetrar profundamente pelo individualismo do ambiente. Individualismo quer dizer prioridade absoluta do indivíduo, das suas necessidades, conveniências e preferências, da sua promoção e da sua felicidade. A sociedade está a serviço das satisfações individuais e não tem outra justificação. Aliás, numa sociedade individualista, cada indivíduo está em competição com todos os outros, deve lutar permanentemente para sobreviver, para se manter ou para vencer (segundo o caso). Não há mais compromisso com os outros. O último que ainda subsistia, era o compromisso matrimonial. Este acaba de desfazer-se. Hoje em dia quem casa, não se compromete. Continuará fiel (mais ou menos) até o dia em que o matrimônio deixará de lhe dar satisfa-

ções. Depois não haverá drama. Cada um irá buscar a felicidade em outra parte.

Não é aqui o lugar para lembrar todo o conteúdo da cultura globalizada e neoliberal. O que é importante notar, é que neste contexto a palavra Igreja se torna incompreensível. Não há mais nenhum suporte experimental que permitiria por analogia entender o que pode significar. O conceito de Igreja simplesmente desapareceu. A palavra subsiste. A palavra inclusive está prosperando já que o número de instituições que adotam o nome de Igreja vai crescendo a cada ano. Há cada vez mais "Igrejas".

Porém, o que quer dizer a palavra "Igreja" no linguajar popular? Uma Igreja, todo o mundo sabe o que é, mas sabe dentro de um contexto cultural individualista. Uma Igreja é uma organização religiosa que oferece bens religiosos a qualquer pessoa que se interessa por eles. No melhor sentido seria uma associação religiosa. "A gente vai na Igreja", quer dizer que a pessoa se dirige a uma organização religiosa para conseguir alguns bens religiosos (consolo, fé, esperança, saúde, tranquilidade ou paz, etc.). Se dizem "sou de tal Igreja", quer dizer que formam parte de uma associação, têm alguns laços com o organização e lhe oferecem alguns serviços.

Hoje em dia nesse sentido o povo não faz diferença entre Igreja católica, Igreja universal, Igreja batista e assim por diante. É tudo a mesma coisa, o mesmo esquema, o mesmo tipo de organização, inclusive as mesmas mercadorias que oferece. A palavra "mercadoria" não deve surpreender, já que hoje em dia inclusive na mente de prelados de

muito peso na Igreja católica, a última palavra da pastoral é o marketing e em todas as partes se organizam congressos de marketing católico com o fim de substituir a tradicional pastoral (palavra obsoleta) pelo marketing. Marketing quer dizer vender mercadorias.

A forma extrema de Igreja no sentido comum hoje em dia é a famosa Igreja Universal do Reino de Deus. Esta é quase diametralmente oposta a verdadeira Igreja. É exatamente o contrário da Igreja. É a Anti-Igreja por excelência, ainda que outras mais recentes procurem imitá-la, mas sem conseguir o mesmo sucesso. A Igreja Universal é a realização mais perfeita do marketing religioso. E parece que agora está fornecendo o modelo para um número crescente de católicos, que têm inveja dos triunfos da Igreja Universal (triumfos sobretudo econômicos).

A Igreja Universal não forma um povo, forma uma clientela, e o marketing não tende a formar um povo e sim uma clientela. Cada Igreja entra na competição para aumentar a sua clientela. Já que as disponibilidades não são infinitas, há inevitavelmente concorrência. Se uma Igreja ganha, outra perde e deve melhorar o seu marketing para poder competir e não entrar em falência. A primeira regra do marketing é a competitividade. O primeiro problema é: como aumentar a competitividade da Igreja católica?

Ora, a Igreja é um povo. Um povo inclui o indivíduo numa rede de relações. Não de relações escolhidas, mas de relações que resultam da história e da geografia. São relações entre gerações e

relações entre contemporâneos. Estas relações são de serviço mútuo. Cada um descobre o seu serviço numa rede em que todos estão a serviço de todos. Ninguém está a serviço de um indivíduo, mas todos a serviço de todos. Não serviço de uma grandeza abstrata, anônima, e sim de pessoas vivas, cada uma com a sua originalidade.

Quem está na Igreja é herdeiro de uma longa história, história que começou com Abraão e já antes de Abraão. É fundador de uma nova história que começa hoje e está em continuidade com a anterior. A pessoa é um elo numa sucessão de gerações. Recebe dos antigos e transmite aos sucessores. Cada um ocupa um tempo e um espaço limitado e o seu serviço está delimitado por esse tempo e esse espaço. Não é um ser ilimitado como uma grandeza matemática, situada fora do espaço e do tempo. Não dispõe de um tempo indefinido. A ideologia da comunicação fundada nos meios de comunicação das novas tecnologias que dão a impressão de simultaneidade, podem criar a ilusão de estar em qualquer lugar instantaneamente tendo vencido as limitações da matéria com o tempo e o espaço. O ser humano já seria como um anjo, um ser situado fora do tempo e do espaço que pode estar ao mesmo tempo em todos os lugares. Claro que é uma ilusão. O que está simultaneamente presente e se transmite imediatamente, são números, sinais simbólicos, mas não realidades humanas. Porém, há uma ideologia que entende a vida humana a partir dessa ilusão.

Dentro de um povo, o ser humano parte da consciência dos seus limites

e mede as suas responsabilidades dentro dos seus limites.

Jesus dizia: "Não vim para ser servido e sim para servir". Não era uma coisa excepcional. Todos os membros do povo estão na mesma condição.

Há um preconceito que é essencial ao individualismo contemporâneo, o preconceito de que a medida da felicidade é o consumo. No entanto a tradição cristã mostra que a medida da felicidade é o serviço prestado e a rede de amizades que esse serviço criou. O amor não se vende nem se compra, não é produto no mercado, ainda que muitos achem que se trata de uma mercadoria como outras disponível no mercado. O amor nasce do serviço. Mas isto supõe a existência de um povo e não há mais povo. Mesmo a Igreja como povo quase desapareceu. Ela também entra no mercado.

O neoliberalismo proclama que o mercado é o advento da liberdade. Acontece o contrário. A prioridade do mercado cria uma nova forma de escravidão: todos devem comprar e há uma pressão universal no sentido de consumir. Quem não consome sofre a reprovação de todos os vizinhos, colegas, amigos, e não pode resistir: vai consumir também. O consumo não tem limites. O dinheiro nunca basta, sempre há novos objetos de consumo no mercado. Isto cria uma angústia permanente: como fazer para consumir mais?

As maiores vítimas do consumismo são as crianças. Não podem resistir à pressão ambiental: tudo diz que é preciso consumir. Sempre pedem mais e mais. Nem têm tempo para consumir o que pediram, mas já a publicidade oferece

outros bens apetecíveis. Os pais não podem resistir, a necessidade é forte demais.

Se a Igreja perseverar na dinâmica do mercado, alimentará a mesma dependência. Vai ser preciso oferecer produtos cada vez mais atrativos para atrair os fregueses e terá que estimular o consumo de produtos religiosos por meio de uma publicidade tecnicamente perfeita. Criará a dependência do consumismo religioso.

Por isso podemos pensar que o primeiro desafio do século XXI seria refazer a Igreja que está se transformando numa organização de comércio espiritual.

Há problemas institucionais, cada vez mais insuportáveis para quem está dentro da máquina eclesiástica, mas o povo não entende quase nada disso, porque não conhece muito a máquina de poder eclesiástico da qual sempre tem o recurso de se manter afastado. Há problemas institucionais que terão que ser examinados no próximo pontificado. Mas não são os problemas fundamentais da Igreja. O fundamental é

a própria realidade de um povo de Deus que está perdida.

Com a pós-modernidade a crítica a todas as instituições tornou-se o centro da vida intelectual e esta se espalha pouco a pouco em todas as classes sociais. Todas essas críticas são necessárias, mas podem ser puramente vãs, se não se resolve a questão fundamental.

Se uma Igreja é concebida como organização religiosa, está claro que o sistema de poder na organização é fundamental. No caso da Igreja o problema é algo muito mais sério. Como reconstituir o reconhecimento mútuo, a dependência mútua, as relações de serviço mútuo, dentro de uma unidade capaz de respeitar a liberdade? Como convencer as pessoas de que a felicidade depende do papel que assumem na série das gerações e dentro das tarefas históricas da própria geração? Como reconstruir a pertença a um povo?

Deixo as questões em suspenso. Talvez tenham algo para dizer aos religiosos também.

2. O QUE ACONTECE COM OS RELIGIOSOS NA IGREJA

A maioria dos religiosos não está consciente do grande fato da segunda metade do século XX que mais os afeta. As suas funções tradicionais, o seu papel histórico foram transferidas para outros. Não se trata somente da educação e da saúde que foram assumidas maiormente por leigos. Este fenômeno é bem conhecido. Há outro fenômeno menos conhecido, ou melhor dito, bem conhecido, mas rejeitado pela consciência, e que é o seguinte: o papel religio-

so, propriamente religioso dos religiosos foi transferido e atualmente é assumido pelos novos movimentos. E os religiosos estão sobrando. Perguntam-se, ou deveriam perguntar-se: e agora qual é o nosso papel? Qual é o nosso lugar na Igreja?

Quais são as funções que foram assumidas pelos movimentos? Em primeiro lugar tudo o que diz respeito à comunicação da fé: presença ativa no mundo social, testemunho, conversão,

educação religiosa, formação de líderes religiosos, retiros espirituais, direção espiritual, literatura espiritual. Os movimentos organizam inclusive retiros para sacerdotes e para bispos. Tudo isso era assumido outrora por religiosos. Por que essa transferência?

Claro que ainda há religiosos que se dedicam a essas atividades. No total o que produzem, é pouca coisa ao lado da produção dos movimentos. Inclusive acontece que para poder agir, certos religiosos entram num movimento e se fazem os seus auxiliares.

Em segundo lugar, os religiosos dirigiam e animavam espiritualmente grupos e associações: Ordens Terceiras, congregações marianas, associações de devoção, Ligas do Sagrado Coração, Filhas de Maria, Irmandades, associações caritativas e obras sociais. Tudo isso subsiste, mas perdeu importância diante da subida dos movimentos, dos seus grupos e das suas obras. Alguns religiosos dedicam ainda os seus últimos esforços para manter instituições mais antigas, mas as forças vivas estão com os movimentos. Aqui também há religiosos que querem agir e por isso se põem à disposição de um movimento.

A questão é que outrora a formação para uma vida cristã mais perfeita era obra dos religiosos e agora é obra dos movimentos. O que é que sobra para os religiosos?

Por outro lado, a espiritualidade dos movimentos levanta um problema. Entre eles há diversidade, mas há algo em comum. De modo geral, são pessoas bem integradas na sociedade atual. Por conseguinte, são pessoas impregnadas

pela cultura individualista globalizada. São parte do sistema. Dentro do sistema há muito espaço para a religião e a espiritualidade. Eles aceitam e assumem esse espaço. No entanto, eles dificilmente têm consciência do conjunto do sistema. A logo prazo devem chegar a uma espiritualidade inculturada dentro da cultura atual, individualista. Fazem sucesso e farão sucesso justamente porque são mais inculturados.

Aqui está o problema: como conciliar o evangelho com o sistema individualista da globalização neoliberal? O sistema neoliberal separa as classes sociais de modo radical: evita que haja contato. Não haverá conflito porque nem sequer haverá contato. Dessa maneira o sistema constitui ilhas de privilegiados, ilhas bem representadas simbolicamente pelas Alphaville que surgissem agora em todas as partes. A espiritualidade pode chegar ao estado de refúgio espiritual para ilhas privilegiadas.

Naturalmente nos movimentos há muitas pessoas de baixa classe média e também algumas pessoas claramente de classe popular. No entanto, a impressão que se tem, é de que o estilo está determinado pelos representantes das classes altas. Daí vêm os comportamentos, as idéias dominantes, o modo de relacionamento, até o linguajar e as expressões. Nisto não há nada estranho. Sempre as classes baixas procuram imitar as classes altas. Somente não o fazem quando não há contato humano. Mas os movimentos fornecem o contato humano e canais de comunicação dos modos de viver e de pensar e de sentir da classe superior, a transmissão não é problema.

O que acham os religiosos? Talvez estejam lamentando ter perdido a liderança do movimento religioso, da busca da perfeição cristã. Não adianta lamentar ou ficar com saudades do passado. A situação é essa. Mas diante dessa situação, o que fazer?

Está bem claro que religiosos e religiosas se ocupam com mil coisas diferentes. Não são inativos. Mas a impressão que se tem, é de que não têm projeto global, não tem ação concertada de conjunto, nem sequer dentro do mesmo Ins-

tituto, e por isso não mostram resultados. Agem como se tapassem buracos na Igreja. Falta mão de obra nas paróquias, nas dioceses, nas pastorais: aí entram religiosos ou religiosas. Muitos estão de fato integrados na pastoral diocesana ou paroquial, o que significa que não têm projeto próprio. Esta situação preocupa bastante. Se fazem o que fazem também outras pessoas que não pertencem à Vida Religiosa, qual é o significado da pertença a uma instituição religiosa? E se contentam com prolongar instituições do passado, qual será o seu futuro?

3. COMO OS CRISTÃOS ENXERGAM OS RELIGIOSOS

Há uma situação que preocupa muito os superiores religiosos, sobretudo no mais alto escalão. Para evocá-la contarei um fato que ocorreu há poucos dias. Um grupo de jovens mulheres camponesas muito pobres, celibatárias, missionárias vive e trabalha no meio dos pobres na condição dos mais pobres. Realizam de modo heróico uma vocação missionária. No entanto algumas levantaram dúvidas. Uma queria estudar em faculdade. Algumas se sentem inseguras diante do futuro. Elas se perguntam: não seria melhor entrar numa congregação religiosa? Ali teríamos segurança e facilidade para estudar. Teríamos que sacrificar algo da nossa vida evangélica, é certo. Mas assim mesmo, não seria melhor? Tudo isso conversado com a maior ingenuidade e tranqüilidade de espírito. Por sinal, os padres consultados acham loucura a vida delas e dizem que precisam de qualquer maneira buscar segurança numa congregação.

O que resulta desse fato, é a idéia que o povo se faz dos religiosos. Uma congregação religiosa oferece segurança e facilidade de estudo. Jamais lhes passaria pela cabeça que uma congregação religiosa seria mais um força para evangelizar ou um compromisso mais sério com os pobres. Disso nem se fala, porque o contrário é visível demais.

Ora, este não é fato único. A fama dos religiosos e das religiosas é essa: lugares de segurança e de promoção pessoal. Que não se trata de fatos isolados, mostra-o a preocupação dos superiores em conversas informais e discretas. Se a situação é essa nem precisa falar da missão dos religiosos. Melhor ficar calado.

A fama ainda permanece mesmo depois de tantas pequenas comunidades que estão inseridas no meio popular. Isto não foi suficiente para mudar a fama. Aliás, mesmo essas congregações ainda oferecem segurança e estudo, são trampolins para uma promoção.

Como é que se pôde chegar a essa situação? O que foi que aconteceu? Se não se responde a essa pergunta não adianta perguntar qual é a missão dos religiosos no futuro da Igreja.

Antigamente os religiosos e as religiosas sobretudo tinham fama de viver numa disciplina rígida. Tinham uma vida dura. Eram pessoas muito ativas, sempre sacrificadas, inclusive, no caso das religiosas, exploradas pelos padres ou pelos bispos. Parece que desde então a disciplina afrouxou bastante, o ritmo do trabalho diminuiu. Aumentaram as reuniões de todo tipo, reuniões das quais todos se perguntam qual é a sua eficácia, porque os resultados não aparecem. Os psicólogos poderiam ser tentados de dizer que essas reuniões são sessões de narcisismo espiritual, em que todos e todas se contemplam e se felicitam mutuamente. Pois a época das brigas e discussões passou. Agora precisa estar sempre feliz e achar tudo maravilhoso. Tudo vai bem sempre e todo mundo faz maravilhas. Estas reuniões não seriam o sinal de que não há projeto claro, que todo mundo fala muito porque não se sabe o que fazer?

Muitos religiosos entraram no ministério paroquial. Com isso perderam a sua identidade e o sentido da sua vocação. Em lugar de evangelizar, administram as comunidades antigas. Hoje em dia muitos estão descobrindo que foi um grande erro. Perguntam-se: como fazer agora? No entanto, agora há muitas vocações para o clero secular. Está na hora de entregar as paróquias e voltar ao carisma próprio do instituto.

As freiras também aceitaram um mundo de funções auxiliares nas paróquias. Hoje há muitos leigos que podem assumir essas funções. Também as freiras precisam voltar ao seu carisma próprio.

Por sinal, quando se dizia que havia falta de sacerdotes, era simplesmente problema administrativo. Puseram tantas condições para a ordenação sacerdotal que houve poucas pessoas que realizavam as condições. Bastava mudar as condições. Ao aceitarem paróquias, os religiosos deixaram a hierarquia sem necessidade de assumir responsabilidades. Podiam ter encontrado muitos sacerdotes.

Não adianta perguntar qual é a missão dos religiosos na Igreja se eles perdem a sua especificidade. Seria como perguntar: o que acrescentam os três votos ao ministério sacerdotal numa paróquia? Claro que não acrescentam nada.

O problema dos religiosos não é o número. Não importa o número. Dez religiosos que fazem coisas significativas para o mundo de hoje, são mais úteis para o povo de Deus do que mil administrando paróquias. O que importa, é sua missão, o que fazem, onde, como. Importa redefinir o seu lugar na Igreja.

Como diz Jesus não existem para ficar escondidos debaixo de uma vasilha. São como uma cidade construída em cima da montanha ou como uma luz no candelabro para alumiar todos os que estão na casa. Por isso, o olhar do povo é determinante.

4. RELIGIOSOS, HIERARQUIA, POVO

Desde o século X com Cluny os religiosos foram as tropas de choque do Papa. Tratava-se dos Papas reformadores na linha de Gregório VII e dos sucessores. Desde então em princípio os Papas assumiram a função definida por Gregório VII: promover a reforma da Igreja apesar ou contra os bispos que representavam a classe aristocrática. Os bispos eram filhos da nobreza e administravam a diocese a serviço da família e da classe, eventualmente a serviço do imperador ou do rei. O Papa representava "a liberdade da Igreja". Para defender a "liberdade" da Igreja contra o domínio da classe dos nobres, os Papas puderam contar com as tropas de choque que foram os Beneditinos de Cluny, os Cistercienses e, depois, os Mendicantes. Sem eles o Papa teria sido totalmente impotente.

Esta aliança entre o Papa e os religiosos chegou a um ponto culminante no século XIII com os Mendicantes. Passou por um drama nos séculos XIV e XV por causa da decadência da corte romana (em Avignon ou em Roma) acompanhada em grande parte por uma decadência dos Mendicantes que se reformaram no final do século XV. A aliança firmou-se de novo depois do Concílio de Trento quando Roma assumiu a "Reforma" da Igreja definida pelo Concílio e centralizou cada vez mais todos os institutos religiosos trazendo a Roma as casas generalícias para que estivessem sob a sua estreita vigilância.

Os Papas recorreram aos religiosos para realizar a reforma tridentina. Na

vanguarda esteve a nova Companhia de Jesus que forneceu o instrumento adequado. Pela sua rígida centralização e pela sua dependência rigorosa do Papa, a Companhia estimulou todos os religiosos que, de alguma maneira reformaram suas constituições para aproximá-las do modelo jesuíta. Agora sim os religiosos formaram um exército nas mãos do Papa, contra a moleza de muitos episcopados contaminados pelo espírito moderno das novas idéias ou constrangidos pelos imperadores e reis que os tinham nomeado. Por sinal o Iluminismo triunfou da resistência romana e conseguiu inclusive a supressão da Companhia de Jesus.

No entanto, depois da Revolução Francesa os Papas souberam aproveitar a onda de Restauração e com os religiosos reconquistaram a classe camponesa e boa parte da nobreza. Até 1950 os Papas encontraram nos religiosos os mais fiéis defensores da cristandade contra os assaltos da modernidade.

Os religiosos foram também enviados pelo Papa para as missões, o que fortaleceu mais ainda os laços. Desde o século XIII quando se realizaram os primeiros contatos entre o Ocidente e o mundo situado além do Islã, na China, na Mongólia na Índia, os Papas deram a alguns franciscanos e dominicanos a missão de converter os reis desses impérios. Aí nasceu a idéia de que as missões eram responsabilidade do Papa. Por sinal os bispos não estavam em nada interessados em gastar dinheiro para mandar gente para povos que não lhes interessavam em nada.

Quando de repente os contatos se multiplicaram pelas conquistas dos reis de Portugal e de Espanha, a idéia era ainda que o Papa tinha a responsabilidade de evangelizar o mundo e não os bispos. No entanto nessa oportunidade o Papa não pôde manter a direção das novas missões porque tinha entregue a evangelização das novas terras aos reis de Espanha e de Portugal. O Papa tinha perdido o controle sobre os religiosos, e os reis não estavam em nada interessados em permitir que os religiosos se relacionassem diretamente com o Papa. Tudo tinha que passar por eles. Os reis não estavam tão interessados em reforma. Queriam uma religião que legitimasse o seu império e lhes fornecesse uma cultura para envolver os novos povos conquistados. Os religiosos deixaram de ser o braço direito do Papa. Houve poucas exceções, como por exemplo quando o Papa conseguiu mandar capuchinhos franceses para a região do São Francisco e o rei teve que engolir.

No entanto, com a Independência os Papas reconquistaram o mando e usaram os religiosos para aplicar as reformas de Trento, romanizar as Igrejas locais e lutar contra os primeiros assaltos da modernidade. O esquema europeu começou a aplicar-se na América Latina. (Foi o Concílio plenário de 1899.)

A aliança entre o Papa e os religiosos começou a desfazer-se no pontificado de Pio XII. Este Papa teve uma terrível desilusão. Enviara os religiosos con-

tra o comunismo e eis que alguns religiosos se convertiam aos marxismo abrindo assim as portas da fortaleza da Igreja para o inimigo. Foi muito amargo para ele.

Em lugar de continuar sendo os Inquisidores e defensores da ortodoxia, eis que religiosos dominicanos ou jesuítas, os mais brilhantes entre eles, se tornavam eles mesmos objeto da Inquisição. Houve condenações radicais (por exemplo do progressismo e da Jeunesse de l'Église) e as cabeças mais perigosas foram exiladas e proibidas de ensinar (Chenu, Congar, Bouillard, de Lubac, Rahner e outros de menor categoria). Foram os primeiros sinais de uma separação que só foi aumentando desde então. Os Papas começaram a duvidar da fidelidade das suas tropas de choque. No atual pontificado o Papa significou claramente que não confiava mais nos religiosos e doravante contava com outro exército para executar a sua política. Ao mesmo tempo, os próprios religiosos sentiam que se desfaziam os laços afetivos. Hoje em dia não é raro ouvir religiosos criticando diversos aspectos da política do Papa, o que jamais teria acontecido há 50 anos atrás.

Quando um Papa suprimiu a Companhia de Jesus, cedeu ante a pressão dos reis e das classes ilustradas da Europa. Quando um Papa destituiu o padre Arrupe, não foi por pressão dos representantes do Iluminismo, foi porque sentia que a tropa de choque se lhe escapava das mãos: na América Central a Companhia de Jesus adotava

uma política que era justamente o contrário da política romana.

Tocar na Companhia de Jesus era um sinal muito forte: era a advertência mais solene para todos os religiosos. Todos entenderam que por meio dessa condenação, eram todos condenados. Claro que o estilo curial diz as coisas de maneira muito meliflua; é o estilo de uma corte que sabe usar os subentendidos e dizer as coisas mais duras com aparência de elogios. Mas todo o mundo entendeu bem.

E agora? Como foi que se chegou a esse ponto? Basta refazer a história desde 1950. Naquele tempo os religiosos começam a olhar para os leigos e para o mundo exterior não já com os olhos da apologética mas de maneira positiva para escutar e entender o cristianismo a partir deles. Foi um deslumbramento que ainda não terminou. O mundo não é tão ruim como se dizia e os leigos não merecem tanta desconfiança como se achava. A partir do momento em que se olha para o mundo exterior desde ele mesmo e não desde o olhar da burocracia clerical, começa o fermento a arrebentar. Em lugar de praticar a apologética, os religiosos começaram a querer entender e chegaram ao ponto de simpatizar com os "erros modernos". Então começou o conflito.

Por que em tão pouco tempo os religiosos sentiram que a política oficial da cristandade era inadequada, não correspondia mais à realidade e afastava cada vez mais a Igreja do mundo? Entrou o vírus que se manifestou publicamente em Vaticano II e foi rapida-

mente eliminado uma vez concluído o Concílio. Os religiosos ficaram contaminados. O caso da CLAR é muito claro e de certa maneira tudo está aí.

A pergunta se impõe, e, ainda que quase todos tratem de evitá-la para não ter que tirar conclusões: onde se situam os religiosos? São ainda as tropas de choque do Papa, ou são os defensores dos leigos e os amigos dos homens de todas as culturas e categorias? Pode-se dizer que no fundo é a mesma coisa, mas não o é e, desde 1950 (data simbólica porque é a data de *Humani Generis*) os religiosos sabem que não é a mesma coisa.

Os religiosos são os auxiliares da hierarquia ou os auxiliares do povo de Deus? Claro que não precisa romper com a hierarquia, muito longe disso. Mas uma coisa é tomar a atitude do povo frente a hierarquia ou tomar a atitude da hierarquia frente ao povo. Nada muda e tudo muda. Não se produz nenhuma ruptura mas milhões de detalhes mostram que tudo mudou.

Se os religiosos se fazem os auxiliares do povo, só falta mesmo saber onde está o povo de Deus. Ora, na América Latina, não precisa fazer muitas indagações. Sabemos onde está o povo de Deus. Está nas massas pobres, oprimidas, excluídas do continente. Então o lugar dos religiosos estaria no meio deles, como auxiliares do povo de Deus? Seria melhor deixar que outros sejam as tropas de choque do Papa? Seria este o sentido da evolução, o sinal dos tempos? Seria essa a maneira de ser Igreja?

5. O QUE É SER RELIGIOSO

O direito canônico define os religiosos no cânon 573 § 2: "os fiéis que, por meio dos votos ou de outros vínculos sagrados, conforme as leis próprias dos Institutos, professam os conselhos evangélicos de castidade, pobreza e obediência, e, pela caridade à qual esses votos conduzem, unem-se de modo especial à Igreja e a seus membros."

Estamos no direito canônico. O direito procura definir categorias a partir de sinais visíveis e inequívocos. O sinal visível do religioso é a profissão dos votos, que está consignada num livro. A vida religiosa é um estado canônico.

Se passamos do direito para a vida nasce a pergunta: qual é a relação entre essa profissão e a vida real e concreta dessa pessoa? Aparentemente para ser religioso, basta ter professado (e não ter sido expulso). Tudo sucede como se uma vez definido esse estado pelos três votos, tudo estivesse claro. Não precisa preocupar-se pelo que faz. O essencial é ter entrado numa condição canônica. O conteúdo dos votos e a aplicação prática não importam na condição religiosa.

Esta definição é a consequência inevitável da institucionalização. No início de cada fundação, os ou as fundadoras têm um projeto de vida, começam a agir de modo determinado que acham inspirado pelo Espírito Santo. Não começam dizendo: vou professar os três votos. Inclusive essa formulação jurídica veio muitas vezes da hierarquia e não era desejada pelos fundadores (nem precisa citar o caso extremo de S. Francisco). A hierarquia quis forçar

os fundadores a entrar num esquema comum a todos, mas abstrato. Desta maneira entram numa categoria muito geral em que não entra nada de específico; não entra o que faz o Instituto. É a consequência de querer reduzir tudo ao mesmo. A hierarquia tem medo da diversidade e da novidade. Tem medo de pessoas que inventam coisas novas. Está satisfeita quando as iniciativas são canalizadas para um modelo único. Mas uma vez reduzidos a um modelo único, os religiosos não são mais nada.

Uma vez realizada a institucionalização, os religiosos perguntam-se: e agora como eu vou fazer com esses três votos? Eles são negativos: não ter relações sexuais, não ter propriedade pessoal, não fazer a vontade própria. Muito bem. Mas agora o que fazer? Os votos não dizem o que fazer. Ora, numa realidade existencial o fazer é anterior à definição de um estado. O fazer é anterior aos votos. O problema não é: não vou casar e agora o que vou fazer? O problema é: vou dedicar-me a isto ou àquilo e para fazer isso não posso casar. Ou então a questão não é: faço voto de pobreza e agora o que faço? A questão existencial é esta: vou dedicar-me a isto ou àquilo e para isso terei que ficar pobre. E assim por diante. A existência é primeira, a essência segunda.

Ora, sucede facilmente que se inverte a relação. Há jovens que entram na vida religiosa para serem religiosos. Depois disso procuram o que fazer ou esperam que os superiores definam o que eles vão fazer. Assim é que se formam religiosos sem consistência que

em lugar de edificarem o povo de Deus, o desestimulam.

O texto do cânon diz e esta doutrina sempre se repete: que os votos conduzem à caridade. Não consta. Não se vê porque não ser casado conduziria à caridade. Nem se vê porque a ausência de propriedade conduz à caridade e menos ainda como a obediência a um superior pode conduzir à caridade. Somente podem conduzir à caridade em certas situações bem delimitadas. Em outras circunstâncias podem conduzir simplesmente a uma desumanização, a uma redução de vitalidade da pessoa humana, o que, por sinal, sempre foi uma objeção emitida por tantas pessoas na Igreja.

A profissão dos votos não conduz à caridade. O exercício de certas atividades dentro de certas formas de castidade, pobreza e obediência pode conduzir à caridade. Certos tipos de atividade na Igreja incluem castidade, pobreza e obediência, nem sempre os três juntos. É outra coisa, e isto nos leva a considerar o conteúdo desses votos. Bem sabendo que o que importa não é emitir votos e sim praticar os votos na vida real. E o que importa acima de tudo é a caridade, quaisquer que seja os meios necessários para praticá-la do jeito inspirado pelo Espírito Santo.

Outrora estas reflexões podiam ser supérfluas. Hoje em dia, porém, várias circunstâncias tornam-nas mais atuais. Em primeiro lugar há a questão do conteúdo dos votos. Deixemos de lado o voto de castidade, ainda que a proliferação da homossexualidade não deixe de ser um problema. Há jovens e menos

jovens que acham que isso nada tem a ver com a castidade. A exigência seria não ter mulher e mais nada. Aqui está jogando a influência da cultura nova.

Quanto ao voto de pobreza, ele perdeu todo o conteúdo. Na prática para muitos a pobreza consiste em ter tudo o que o superior permite, e naturalmente o superior permite tudo. Em que consiste a pobreza na civilização atual? O que é ser pobre, os pobres o sabem. Mas justamente os religiosos não são pobres nesse sentido. Mesmo se vivem na maior simplicidade, têm o respaldo de uma instituição forte e esta na atualidade é a maior riqueza. Inclusive a palavra pobreza é como uma ofensa aos pobres e devia ser tirada do vocabulário religioso. Então o voto perdeu todo conteúdo? Fazendo voto de pobreza, o que é que se promete? Eis o que precisaria ser determinado. O cardeal Lavignerie, fundador dos Missionários da África não queria que os seus missionários fizessem voto de pobreza dizendo que quem fez voto de pobreza gasta duas vezes mais do que outro. Já que não é dele pode gastar à vontade. Nem sabe o valor do dinheiro.

Quanto ao voto de obediência, o conteúdo é menos definido ainda. Paradoxalmente no concreto o voto de obediência consiste em que o superior obedece aos subordinados. É um efeito da cultura dominante. Hoje toda autoridade é mal vista. Por isso, os chefes procuram agradar. A demagogia é a regra. Os chefes não querem ser vistos como carrascos, duros, desumanos.

Acontece com os superiores o que acontece com os pais de família. Os

pais tornam-se escravos dos seus filhos, acham que devem dar-lhes tudo o que pedem e nunca podem desagradá-los. Assim o superior tem medo de ser mal julgado e pratica a busca da popularidade. Aceita o que os subordinados pedem. Sempre concorda. Às vezes para satisfazer a um remorso da consciência, demora um pouco, faz de conta que recusa, mas todos sabem que acabará cedendo.

Na política é assim. Hoje em dia os governantes não se atrevem a governar. Seguem os índices de popularidade. Fazem o que a opinião pública espera. Não têm projeto, não têm visão de futuro. São peças num jogo de influências. Quem manda, são os manipuladores da opinião pública. Pode acontecer também entre os religiosos: quem manda são os manipuladores (ou as manipuladoras) da opinião pública.

A conclusão é esta: definir a Vida Religiosa pelos votos é dizer nada. É uma pura formalidade canônica para entrar numa categoria canônica. Por sinal hoje em dia é tão fácil sair como entrar. No entanto, na origem dos institutos religiosos não está a pertença a uma categoria especial na Igreja.

Por conseguinte é melhor partir do princípio de caridade, para usar a palavra do código. A caridade sempre é a mesma, mas as formas variam de acordo com as culturas e também com as personalidades. Pode ser a busca de Deus no deserto ou no compromisso com a reforma agrária. Poderíamos dizer que o carisma especial dos religiosos na Igreja está na radicalidade: a pessoa que entrega tudo e joga tudo numa

obra (no sentido mais amplo) de caridade. O próprio do religioso é "tudo".

"Tudo" terá muitas implicações. A renúncia ao matrimônio e à família justifica-se pelo motivo de S. Paulo: questão de disponibilidade, mas o não uso da sexualidade não tem valor em si mesmo. A ligação entre continência e sagrado vem do paganismo e não tem raízes cristãs porque para o cristão o único sagrado é o próximo, em primeiro lugar o pobre.

O que é que se pode ter ou não ter? O ter precisa ser puramente instrumental, não se justifica por satisfações puramente pessoais porque tudo está em função da missão recebida. Construir um tesouro para si próprio não cabe. Mas é impossível determinar a lista das coisas úteis ou indispensáveis para a atividade de um religioso.

A obediência tem muitas formas. De modo geral consiste em integrar o seu agir dentro da Igreja, submeter o seu agir ao movimento geral da Igreja, ou seja, ao povo de Deus. É uma obediência ao povo de Deus antes de ser obediência à hierarquia ou a superiores locais. No passado ensinou-se que só o fato de não fazer a vontade própria já era santificação. Ora, eventualmente pode ser um exercício de disciplina mental, mas não pode ser meio de praticar a caridade. Por outro lado quem escolhe a vida em comunidade, tem que se submeter à disciplina da comunidade. Não é meio de praticar a caridade, mas simplesmente boa educação.

Obedecer ao povo de Deus é muito exigente, mais exigente do que obedecer a um superior, porque o povo espera mui-

...o povo não se expressa dando ordens, mas mostrando as suas necessidades.

O que atrapalha e enfraquece a Vida Religiosa é que há religiosos que se dedicam a atividades que não requerem tanta dedicação, atividades que não exigem o "tudo" da personalidade. Com essas condições, há uma tendência para reduzir o conteúdo dos chamados votos ao que é necessário para a atividade realizada no concreto, e reduzir a caridade ao exercício de uma profissão. Isto já é uma grande coisa, mas é a missão de todos os cristãos. Para pessoas que estão satisfeitas desse modo, era muito melhor que não fossem religiosos e não contribuíssem para dar uma aparência de pura instituição formal à realidade da Vida Religiosa. Se esta é sinal de vida mais cômoda e não sinal de vida heróica, era melhor que não existisse. Se os votos não têm sentido para o tipo de atividade realizado, que sentido tem emitir esses votos? Seria como se votos fossem atos sagrados que já são eficientes por si mesmos.

Aliás existe o perigo de pensar como se os votos santificassem por si mesmo. Somente a caridade santifica, ou seja, as obras. Os votos são símbolos. Pode-se perguntar inclusive se são cristãos. Pois, Jesus proibiu jurar. O que importa é fazer, não prometer que vai fazer e depois pode acontecer que não faz. Mas enfim é um costume muito antigo que seria impossível desfazer. No entanto, há um bom número de leigos que vivem uma vida religiosa consagrada de maneira muito mais radical, mas não querem fazer votos porque não acham sentido numa promessa.

Por isso não acho conveniente a profissão perpétua antes dos 35 ou 40 anos quando já se pode ver se a pessoa dá o "tudo" de si. Por que não se pode fazer profissão por dez anos depois dos votos temporários, ou seja, prolongar os votos temporários? Há casos em que se pode ver que uma pessoa que chegou aos 35 ou 40 anos decididamente não tem nada a ver com uma vida religiosa e seria muito melhor que se integre no povo cristão. Melhor do que adaptar os votos e o estilo da vida religiosa aos medíocres. No mundo de hoje seria um claro contra sinal.

Onde? Não falta espaço, nem diversidade de situações humanas. O Espírito Santo dirá. Os religiosos deveriam estar muito menos preocupados por si próprios e muito mais pelo mundo afora. Deveriam estar muito menos reunidos entre si e muito mais reunidos com o povo lá fora. O que provoca mais crítica à Vida Religiosa, é esta mania de sempre falar de si próprios, dos problemas da Vida Religiosa e das suas incertezas. Alguns dão a impressão de que o seu "eu" é a sua primeira preocupação. O que se espera de um religioso é que não esteja preocupado com a sua vida religiosa e sobretudo que não expresse nunca isso ao povo cristão que tem problemas muito mais graves.

Muitos acham que quando um religioso ou uma religiosa não quer fazer uma coisa, inventa que tem uma reunião da congregação à qual não pode faltar porque o seu primeiro compromisso é com a congregação. Será verdade que o primeiro compromisso é com a congregação? Para que deixar a

família se for para ficar preso numa família maior? O "tudo" da Vida Religiosa é um "tudo" para o mundo de fora.

Desta maneira os religiosos podem refazer para si próprios um espaço na Igreja. Ao lado deles há outros que ocupam outro espaço. Não precisam estar colados à hierarquia o tempo todo. Convém que fiquem emancipados. No que se refere aos homens, está claro que em muitos casos a ordenação sacerdotal é mais um obstáculo do que uma ajuda. Foi uma imposição dos Papas para manter os religiosos numa dependência mais estreita. Mas é um privilégio perigoso. A ordenação pode ser útil se for para o serviço da comunidade quando não

há outra pessoa que possa assumir esse serviço. De modo geral pode-se dizer que não é útil. Nos primeiros tempos os monges não queriam ser sacerdotes, nem os peregrinos, nem os que viviam em comunidade. Mas isto é outro problema que deixaremos para outra oportunidade.

Ser Igreja. Como ser Igreja? A Igreja é o povo de Deus. Como ser povo? Como identificar-se totalmente com a caminhada desse povo? Em cada época apareceram respostas diferentes, provavelmente em função das circunstâncias. Hoje em dia aparecerão também. Fora ou dentro dos institutos religiosos. Isto dependerá da flexibilidade dos institutos.

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1. A partir da sua experiência e da análise do artigo, que significa para você e sua comunidade ser Igreja hoje?
2. Como a Vida Religiosa no Brasil vem se situando na comunidade eclesial?
3. No seu contexto, quais são as principais vocações que a comunidade eclesial coloca para a Vida Religiosa hoje?

 Pe. José Comblin
Rua Rosinaldo Santana, 900
58308-650 - Bayeux - PB